



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

X LEGISLATURA (2014-2018)

5.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 19 DE DEZEMBRO DE 2016

**Presidente:** Exmo. Sr. José Diogo

**Secretários:** Exmos. Srs. Celmira Sacramento  
Nenésio Afonso  
Aérton do Rosário

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 14 horas e 20 minutos.

Procedeu-se à tomada de posse de Deputados substitutos à Assembleia Nacional.

O Plenário guardou 1 minuto de silêncio, tendo em seguida aprovado o Voto de Pesar n.º 9/X/2016 – Pelo falecimento do Sr. Armindo Aguiar. Usaram da palavra os Srs. Deputados Jorge Amado (MLSTP/PSD) e Danilson Cotú (PCD).

A Câmara procedeu ao debate sobre o Estado da Nação, após a intervenção de abertura do Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo (Patrice Trovoada).

Em interpelação à Mesa, usaram da palavra os Srs. Deputados Jorge Amado (MLSTP/PSD), Arlindo Barbosa (MLSTP/PSD), Abnildo d'Oliveira (ADI), Carlos Correia (ADI) e Delfim Neves (PCD), tendo merecido resposta da Mesa.

No debate, intervieram os Srs. Deputados José Manuel Costa Alegre (ADI), Jorge Amado (MLSTP/PSD), Levy Nazaré (ADI), Gil Costa (PCD), António Barros (MLSTP/PSD), José António Miguel (ADI), Danilson Cotú (PCD), Carlos Correia (ADI), Maria das Neves (MLSTP/PSD), Fernando Maquengo (MLSTP/PSD), Felisberto Afonso (UDD), Iazalde Rita (MLSTP/PSD), Beatriz Azevedo (MLSTP/PSD), Jorge Bondoso (ADI) e Alda Ramos (ADI).

No encerramento do debate, produziram declarações os Srs. Deputados Delfim Neves (PCD), Jorge Amado (MLSTP/PSD), Levy Nazaré (ADI) e por último a intervenção de encerramento do Sr. Primeiro-Ministro (Patrice Trovoada).

O Sr. Presidente encerrou a sessão às 20 horas e 20 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 14 horas e 20 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Abnildo** do Nascimento **d' Oliveira**  
**Alda** Quaresma d' Assunção dos **Ramos**  
**Arlindo Quaresma** dos Santos  
**Berlindo** Branco Vilela **Silvério**  
**Bilaine** Carvalho Viegas de **Ceita**  
**Carlos** Manuel Cassandra **Correia**  
**Celmira** d'Almeida do **Sacramento**  
**Egrinaldino** de Carvalho Viegas de Ceita  
**Esmaiel da Glória** Espírito Santo  
**Flávio** Pires **Mascarenhas** dos Ramos  
**Gabriel Barbosa dos Ramos**  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Ivo** Mendonça da **Costa**  
**Joaquim Salvador** Afonso  
**Jorge** Sousa Pontes Amaro **Bondoso**  
**José António** do Sacramento **Miguel**  
**José Carlos Cabral** d'Alva  
**José** da Graça **Diogo**  
**José Manuel** Macumbo **Costa Alegre**  
**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Manuel** da Graça **Narciso**  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Nenésio** Quaresma **Afonso**  
**Ossáquio** Perpétua **Riôa**  
**Pedro** Jorge de Abreu e **Carvalho**  
**Salcedas** d'Alva Teixeira **Barros**  
**Sebastião** Lopes **Pinheiro**  
**Silvestre** **Moreno** Mendes  
**Wilder** **Monteiro** dos Santos

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Aérton do Rosário** Crisóstomo  
**Ana** Isabel Meira **Rita**  
**António** das Neves Sacramento **Barros**  
**António** **Monteiro** Fernandes  
**Arlindo** **Barbosa** Semedo  
**Beatriz** da Veiga Mendes **Azevedo**  
**Brito** **Vaz** d'Assunção do E. Santo  
**Dionísio** Leopoldino **Fernandes**  
**Fernando** da Silva **Maquengo** de Freitas  
**Gonçalo** da Trindade **de Apresentação**  
**Izalde** Lopes **do Sacramento** Rita  
**Jorge** **Amado**  
**Maria das Neves** Baptista de Sousa  
**Vasco** Gonçalves **Guiva**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Danilson** Alcântara Fernandes **Cotú**  
**Delfim** Santiago das **Neves**  
**Filomena** M. de Fátima dias X. de P. **dos Prazeres**  
**Gil** Mascarenhas da **Costa**  
José Luís **Xavier** **Mendes**

União dos Democratas para o Desenvolvimento (UDD):

## Felisberto Fernandes Afonso

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, vamos proceder à substituição de Deputados. A Mesa recebeu pedido para duas substituições e, nesse sentido, gostaria de convidar a Sra. Secretária, para proceder à leitura do Termo de Posse.

A Sra. **Secretária** (Celmira Sacramento): — Sr. Presidente, Sr. Ministro, Sras. e Srs. Deputados, boa tarde.

«Termo de Posse de Deputados à Assembleia Nacional.

Aos 19 dias do mês de Dezembro do ano dois mil e dezasseis, compareceram ao Plenário da Assembleia Nacional os Srs. Deputados substitutos Gonçalo da Trindade d' Apresentação e Iazalde Lopes do Sacramento Rita, em substituição dos Srs. Deputados Manuel Marçal Lima e Domingos Monteiro, do Círculo Eleitoral de Água Grande, tendo os mesmos prestado juramento nos seguintes termos:»

*Os Srs. Deputados prestaram juramento nos termos constitucionais.*

«E para constar, lavrou-se o presente Termo de Posse, que vai ser assinado por Sua Excelência o Presidente da Assembleia Nacional, já assinado pelos empossados e por mim, a Secretária que o lavrou».

O Sr. **Presidente**: — Antes de iniciarmos o nosso debate sobre o Estado da Nação nesta sessão, não há período de antes da ordem do dia. Excepcionalmente e com a anuência dos Líderes Parlamentares, em Conferência de Líderes do dia 8 do corrente mês, gostaria de pedir a todos os presentes nesta augusta Assembleia, para observarmos 1 minuto de silêncio, em memória do falecido Sr. Armindo Rodrigues Aguiar.

*O Plenário guardou, de pé, 1 minuto de silêncio.*

A este propósito, vamos aprovar um voto de pesar, pelo desaparecimento físico do mesmo, que desempenhou várias funções políticas e administrativas no nosso país. Sendo assim, convido a Sra. Secretária, para proceder à leitura do voto de pesar.

A Sra. **Secretária**: — «Voto de pesar n.º 9/X/2016 – Pelo falecimento do Sr. Armindo Aguiar.

Tendo tomado conhecimento do funesto desaparecimento físico, no dia 4 do corrente mês, em Lisboa – Portugal, do Sr. Armindo Vaz Rodrigues Aguiar, antigo deputado à Assembleia Nacional, na IV Legislatura, 1991/1994, pelo Partido de Convergência Democrática/Grupo de Reflexão (PCD/GR), que foi Professor de História e Investigador em Ciências Sociais, com notável currículo académico e um vasto perfil político, desde a fundação da Associação Cívica pró-MLSTP, da qual foi activista, ascendendo ao estatuto de Conselheiro Nacional do PCD/GR até os seus últimos dias;

Considerando que Armindo Aguiar desempenhou, entre outras, as funções de Secretário de Estado do Trabalho e Administração Territorial, Director da Cultura, Ministro da Administração Pública, Reforma do Estado e Administração Territorial, Coordenador do Centro de Estudo de Ciências Sociais do Ministério da Educação, Cultura e Formação e foi eleito por esta augusta Assembleia para integrar o Conselho Superior de Imprensa, de 2012 a 2016, como cidadão idóneo representativo da opinião pública e da cultura;

A Assembleia Nacional adopta, nos termos do n.º 1 do artigo 89.º do seu Regimento, o seguinte:

1. Honrar a memória do Sr. Armindo Vaz Rodrigues Aguiar, pelo extraordinário contributo de muitas décadas por si prestado à cultura nacional e em especial à história.

2. Expressar publicamente, através deste voto de pesar, a sua maior consternação e endereçar à família enlutada a sua solidariedade, bem como as suas profundas e sinceras condolências.

Publique-se.

Assembleia Nacional, em São Tomé, aos 19 de Dezembro de 2016.

O Presidente da Assembleia Nacional, José da Graça Diogo.»

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, após a leitura do voto de pesar, gostaria de saber se há algum deputado que queira pronunciar sobre o mesmo. Caso não, passaríamos à votação.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD). — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados. Hoje estamos aqui para podermos endereçar o nosso voto de pesar à família do Sr. Armindo Aguiar, que foi dirigente deste país, Secretário-Geral de um partido político, deputado da Assembleia Nacional, mas penso que isso deve servir de matéria de reflexão para todos nós, deputados e dirigentes políticos da Nação, porque precisamos saber o que significa ser dirigente político da Nação.

Porquê que as pessoas dedicam e dão a sua vida para a resolução dos problemas do País, mas durante a vida não merecem a devida atenção e só depois da morte é que são reconhecidas?

O Sr. Armindo Aguiar adoeceu, esteve em Portugal durante vários períodos, não teve nenhuma assistência das autoridades nacionais e mesmo depois da morte não recebeu nenhuma assistência das autoridades nacionais. É matéria de se pensar, Sr. Presidente, é matéria de se pensar, Srs. Deputados, porque hoje estamos a falar de Armindo Aguiar, amanhã estaremos a falar de cada um de nós. Há que se dignificar a vida daqueles que lutam pela causa justa da dignidade e do bem-estar do povo são-tomense.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Cotú.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, boa tarde.

Peço a palavra para, na senda daquilo que foi a intervenção do Sr. Deputado que me antecedeu, dizer que no PCD atravessamos esse momento difícil, com a partida do nosso companheiro Armindo Aguiar, quem muitas vezes deixou a sua família para se encarregar de uma causa nacional, e hoje estamos aqui na Assembleia para prestar essa homenagem. Para nós é importante sim, mas gostaríamos também de deixar esse apelo ao poder político, do qual somos parte, para a necessidade de encontrarmos sempre mecanismos para darmos a atenção merecida e reconhecer aquilo que foi o contributo de cada um de nós, de cada um que nos antecedeu, pelo país, em tempo útil.

Se fizéssemos uma homenagem ao Dr. Armindo Vaz Rodrigues Aguiar ainda em vida, talvez seria algo muito mais louvável da nossa parte. Infelizmente, temos o mau hábito, no nosso país, de não reconhecer os feitos das pessoas enquanto elas estão vivas.

Daí fica esse apelo para nós que hoje estamos com os destinos do País nas mãos e que somos a classe política, para que possamos acautelar em relação a isso.

O Sr. **Presidente**: — Obrigado Srs. Deputados Danilson Cotú e Jorge Amado. Gostaria de dizer-lhes que a Mesa registou as preocupações que foram apresentadas.

Não sei se há mais alguma intervenção.

Caso não, passaríamos à votação do voto de pesar.

*Submetido à votação, foi aprovado por unanimidade.*

Agora vamos abordar o assunto inscrito no período da ordem do dia, o Estado da Nação. Sendo assim, gostaria de pedir aos serviços para convidarem o Sr. Primeiro-Ministro e o elenco governamental, para ocuparem os seus assentos nesta Casa Parlamentar.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, antes de convidarmos para esta Sala o Sr. Primeiro-Ministro e o seu elenco, gostaria que verificássemos se a comunicação social, quer a rádio quer a televisão, estão a transmitir esta nossa sessão. Esta sessão tem que ser feita com a cobertura da rádio e da televisão. Igualmente, sabemos que há muitos locais do nosso país, onde desde a madrugada não há energia. Portanto as pessoas não poderão acompanhar. Deixo um apelo à EMAE, para que reponha a energia nesses locais, para que todos possam acompanhar este debate sobre o Estado da Nação, em que o Sr. Primeiro-Ministro nos honra com a sua presença aqui na Assembleia.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, quero desde já informá-lo que o próprio Presidente da Assembleia tomou todas as providências para que a imprensa fizesse a cobertura deste debate.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, agradeço.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro e todos os membros do seu elenco governamental, Sras. e Srs. Deputados, as minhas saudações.

Este debate sobre o Estado da Nação com o Sr. Primeiro-Ministro tem o enquadramento no artigo 228.º do Regimento da Assembleia Nacional e o mesmo é organizado da seguinte maneira:

«2. O debate é aberto por uma intervenção do Primeiro-Ministro, por um período não superior a 30 minutos, a que se seguem intervenções dos Deputados, de acordo com o tempo distribuído pela Mesa, nos termos do artigo 158.º do Regimento.

3. Antes do encerramento do debate pelo Primeiro-Ministro, cada grupo parlamentar tem o direito de produzir uma declaração, por tempo não superior a cinco minutos.

4. O debate sobre o Estado da Nação não pode, em caso algum, exceder a uma reunião plenária».

Dito isto, convido o Sr. Primeiro-Ministro a fazer a sua intervenção.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo** (Patrice Trovoada): — Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sras. e Srs. Ministros, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Caros Presentes, Povo de São Tomé e Príncipe.

Ao abrigo da faculdade conferida pelo Regimento da Assembleia Nacional, o Governo propôs que nesta data e nesta sessão fosse discutido o Estado da Nação, o estado do nosso país, isto é, o estado da nossa sociedade, da nossa economia e as perspectivas para os próximos tempos.

Começarei o meu propósito, abordando a situação económica internacional que, para um país estruturalmente dependente da ajuda externa como o nosso, representa um barómetro importante para a nossa própria conjuntura económica e social.

O mundo está mergulhado numa profunda crise financeira e económica e os sinais que nos chegam de todos os lados são de uma agudização da situação, com o surgimento de novos contornos ao mesmo tempo que os instrumentos e os dispositivos institucionais clássicos de intervenção e controlo revelam-se cada vez mais inadequados e incapazes de debelar as diversas crises e estimular o crescimento e o desenvolvimento.

As previsões do crescimento da economia mundial são cada vez mais pessimistas e os riscos que pesam sobre ela são múltiplos. Vão da baixa do preço do petróleo, às consequências das guerras no Médio Oriente, passando pelas ameaças terroristas ou ainda pela perspectiva da saída do Reino Unido da União Europeia, bem como pelas recentes eleições nos Estados Unidos da América, o país que longe mais contribui para o financiamento das organizações multilaterais de ajuda ao desenvolvimento, de prevenção e regulação de conflitos e ajuda humanitária internacional, de manutenção da paz, entre outros, e que parece optar por uma política mais proteccionista e mais nacionalista.

Os nossos principais parceiros estão irremediavelmente em crise e vivem todos num contexto de total incerteza política económica que não pode deixar de nos preocupar. O mesmo se passa com o Banco Africano de Desenvolvimento, instituição africana de primeiro plano e importante financiador da nossa economia.

Os países membros não continentais desta instituição constituem hoje os seus principais financiadores, contrariamente ao que se poderia, à partida, esperar.

Outro facto não menos importante e que deve ser tido em devida consideração é que se prevê até o final do corrente ano um crescimento global para o continente africano de 1,4%. Se esta cifra estiver em consonância com o que se passa nas demais zonas económicas, o que é preocupante com a África, é o facto de ser a pior cifra registada no continente nos últimos 20 anos.

A nível bilateral, a situação não se afigura mais optimista. A Nigéria, o Gabão, a Guiné-Equatorial e Angola, responsáveis por uma ajuda global entre dons e empréstimos superior a 100 milhões de dólares, incluindo as receitas de privatização nos últimos 8 anos, encontram-se mergulhados numa profunda crise decorrente essencialmente da queda do preço de petróleo nos mercados internacionais.

O cenário que aqui traçamos é apenas realista e dá-nos a dimensão exacta da crise que assola o mundo, que não poupa São Tomé e Príncipe e que obriga a todos nós e a todos os níveis mudanças radicais nos nossos comportamentos e nas nossas estratégias.

Esta realidade deverá levar-nos a tomar, definitivamente, consciência de que o mundo mudou radicalmente, que nada será como antes e que o futuro será ainda mais difícil e que temos de contar cada vez mais com os nossos próprios esforços.

Por outro lado, as conquistas tímidas que temos conseguido, em matéria de desenvolvimento humano, levam a comunidade internacional a não considerar o nosso país como prioritário na ajuda aos países menos avançados, reduzindo assim as suas contribuições e o nosso acesso aos recursos de mais baixo custo.

Tudo isso dá-nos a dimensão do esforço que temos de empreender internamente, dos hábitos que temos de alterar, das reformas necessárias e rupturas que temos de levar a cabo, para continuarmos a melhorar as condições de vida das nossas populações, para continuarmos a sobreviver e configurar um futuro mais consentâneo com a dignidade e ambição do homem e do povo são-tomense.

Neste sentido, tudo o que depende de nós não pode deixar de ser feito com bastante rigor, muita seriedade e competência, determinação perseverança, animado de uma real vontade política de transformar o País.

O tempo da demagogia, do canto, das serenes, das mãos definitivamente estendidas, das contemplanções, das lamentações e acusações esgotou-se irremediavelmente.

A verdade, nisto tudo, é que temos de compreender que não podemos continuar indefinidamente a consumir esforço e recursos alheios. Não podemos continuar a contar com o excedente dos outros que trabalham e sacrificam, quando estamos a fazer festa, a contemplar as nossas praias ou simplesmente a circular nos nossos Pajeros e Hillux dupla cabine, adquiridos com ajuda e esforços dos outros quando fica por fazer aquilo que não necessita nem de recursos financeiros externo, nem de conhecimento que têm que ser importados de outras paragens, mas tão-somente de trabalhos, de responsabilidades, de disciplina e de honestidade.

*Aplausos do ADI.*

O Governo, apesar das resistências habituais de certos sectores, tem tido a coragem de olhar de frente para a realidade, para a nossa realidade, para cada um dos nossos problemas, para os nossos insucessos colectivos, já não só para tirar lições, mas sobretudo para agir em relação ao trabalho, ao próximo, aos resultados e à coisa pública.

É preciso deixar de acreditar que podemos construir e transformar o nosso país sem trabalho árduo ou com um simples simulacro de trabalho. Estaremos a enganar a nós próprios.

Os outros não têm para connosco qualquer obrigação de fazer, de ajudar, de apoiar, de dar, de construir. Esta obrigação não existe. Cada país, cada governo, cada instituição tem apenas obrigação para com o seu país, com o seu povo, enfim, para com aqueles que se encontram sob o seu território e sob a sua responsabilidade.

É preciso ainda parar de lamentar em permanência por tudo e por nada e continuar a exigir sistematicamente aquilo que o País não produz, não tem e, conseqüentemente, não pode dar. A lamentação jamais resolveu qualquer problema ou gerou riqueza.

Todos sabemos que persistem no País muitos esquemas que são furtos de bens do Estado, desvios de meios postos à disposição da Administração Pública, etc. etc..

Sabemos que há muitas horas extras que são pagas pelo Estado, mas que não são efectivamente trabalhadas. Ou ainda há prática de muitos emolumentos que são cobrados e distribuídos graciosamente aos funcionários, sem qualquer justificação economicamente racional. A lista é longa. Outros beneficiantes do regime especial de salários em divisas, na sua pequena situação de renda e de conforto, todo suportado pelo Estado, pelo mesmo Orçamento Geral do Estado.

Obviamente, cada um está no seu cantinho, tirando proveitos dessas vantagens, chegando mesmo a condicionar ou impedir o acesso dos demais, para garantir a perenidade da sua renda. Mas tudo isso tem limite e eis que chegamos ao limite.

O País, a necessidade de atracção de investimento estrangeiro, as nossas finanças públicas já não suportam nem são compatíveis com esses expedientes que geram parasitas, reforçam o *status quo* de alguns e impede toda e qualquer dinâmica de abertura e crescimento sustentável que vem beneficiar a todos ou pelo menos a maioria dos são-tomenses.

Quanto à ajuda internacional, obviamente não podemos hoje dispensá-la. Mas a realidade diz-nos que ela é insuficiente face às nossas necessidades e ela é incapaz de construir o País que todos almejamos, desde nós e para os nossos filhos.

Neste ano 2016, que chegará brevemente ao fim, o desembolso da ajuda externa, que representa a maioria dos recursos destinados ao investimento, esteve abaixo de 50% e, assim, o estímulo esperado para a execução atempada dos projectos de investimentos públicos financiados com recursos externos que alimentam a actividade económica geral do País não se materializou.

Dos fundos bilaterais extraordinários, excepto Portugal e Taiwan, incluindo receitas de privatizações, recebemos, em 2013, em dólares, 15,736 biliões; em 2014, 21, 633 milhões; em 2015, 23,999 milhões e, neste ano de 2016, recebemos apenas e tão-somente 4,999 milhões de dólares americanos.

O programa estratégico de cooperação com Portugal, que findou em Dezembro de 2015, só foi renovado em Setembro de 2016, deixando praticamente este ano de 2016 em branco. Por isso, se o nível de execução do investimento público situa-se este ano à volta de 45%, comparados com 70% do ano passado, poderão facilmente compreender não só as razões, mas também as conseqüências de uma dependência extrema da ajuda internacional. A actividade económica foi este ano essencialmente impulsionada pela recuperação registada nas receitas do turismo, derivadas da política de isenção de vistos e a melhoria das frequências aéreas com a Europa e a sub-região e uma maior produção de cacau, devido a subida dos níveis médios de precipitação e a disponibilidade dos insumos agrícolas, sem esquecer naturalmente os efeitos financeiros da realização das eleições.

O crédito ao sector privado aumentou ligeiramente, na medida que as taxas de juros caíram para todas as classes de empréstimo. Apesar disso, o excesso de liquidez no sistema bancário continua alto, o que reflecte à falta de oportunidade de concessão de empréstimos comerciais, bem como a falta de projectos viáveis para os bancos comerciais, num ambiente em que o volume de empréstimo mal parado é persistente e estruturalmente elevado.

O desempenho orçamental conheceu, ao longo do ano, altos e baixos. A despesa primária interna no final Junho de 2016 situou-se bem acima do previsto, predominantemente bens e serviços, transferências, despesas e vencimento, suportados pelo tesouro, anulando assim o impacto das receitas internas que, apesar da conjuntura, podem ser consideradas razoáveis.

Na primeira metade 2016, as importações registaram um aumento moderado, em relação ao 2015, devido a uma actividade económica mais branda do que o esperado, aos custos de importação mais elevados e aos custos de garantia financeira, devido aos atrasos nos pagamentos aos fornecedores e ainda a uma disponibilidade limitada de divisa.

Devido aos níveis decepcionantes dos fluxos de entrada de donativos e empréstimos estrangeiros, as reservas internacionais desceram para 51 milhões de dólares no final de Junho de 2016, o equivalente a 3,1 meses de importação projectado para 2016, tendo ainda em Novembro baixado para 2,5 meses, ficando abaixo da meta do programa assinado com o FMI, no valor de 75,8 milhões.

Em 2016, como podem finalmente constatar, o contexto tem sido particularmente adverso, dada a limitada entrada de recursos necessários aos pagamentos externos da economia, combinado com as naturais fugas de divisas, através de mecanismos informais.

Estamos certos que essa situação reflecte um efeito de contágio das crises de divisas com que se debatem alguns países vizinhos, o que poderá explicar, em parte, o aumento súbito da procura da divisa no País.

No caso particular de Angola, intensificou-se em 2016 o fluxo das importações derivadas da desvalorização do Kwana, divisa angolana, que parece explicar a fuga de divisa pela via informal para aquele país, amplificado com um aumento, em 2016, da cobertura cambial, em 100% para a ENCO, representando um valor de 2 milhões de dólares, em detrimento da banca comercial, e que foi transferido para a SONANGOL, tendo apenas a metade desse valor servido à importação de combustível.

Considerando as implicações negativas que a problemática da escassez de divisa pode acarretar para a estabilidade macroeconómica e reconhecendo a necessidade de garantir o abastecimento do mercado na quadra festiva de Dezembro, o Banco Central injectou, adicionalmente no sector bancário, cerca de 6 milhões de euros, a título excepcional, para não comprometer a importação de bens de primeira necessidade.

Sras. e Srs. Deputados, a economia de São Tomé e Príncipe continua a ter um bom desempenho, não obstante alguns desafios. Quem assim o afirma, em relatório público, é o chefe da última missão de avaliação do FMI.

#### *Aplausos do ADI.*

Sabemos que os riscos persistem no plano interno, decorrendo da fragilidade do sector bancário e do sistema de justiça, essencialmente, e da dívida pública, nomeadamente aquela decorrente das acções transitadas em justiça, que representa hoje 24,423.968 milhões de dólares, ao que se deve acrescer o esforço do Estado para atenuar os efeitos da falência do Banco Equador e, no plano externo, os atrasos no desembolso do financiamento externo, destinados a despesas de investimentos e da falta de austeridade da nossa economia para o investimento directo estrangeiro, devido à instabilidade política, social, administrativa, jurídica, entre outros, como a percepção do risco, a dimensão do mercado e os custos de factores como a inexistência de uma cadeia de valores.

Nesta perspectiva e porque outra opção não existe, as reformas de todo o tipo, a abertura do País ao mundo e a busca de novas parcerias bilaterais e multilaterais têm sido uma aposta séria e uma preocupação permanente do Governo.

Na frente externa e alinhado com a estratégia do País, o Governo vem alargando o espaço geográfico de cooperação, fazendo uma advocacia activa da sua agenda de transformação, ao mesmo tempo que abre, descomplexadamente, o País ao mundo.

Temos estado cada vez mais presentes e intervenientes nos fóruns internacionais e o País tem vindo a alinhar sistematicamente com a ala mais progressista e aberta da comunidade internacional, defendendo intransigentemente o pragmatismo económico, mas também os valores da democracia e da liberdade dos direitos humanos, da diferença, da cooperação entre os países e da autodeterminação.

Consciente dessa realidade desde a nossa entrada em funções, em Dezembro de 2014, e determinado a mudar o rumo do nosso país, o Governo decidiu elaborar uma visão estratégica que apresentou à comunidade internacional, em Outubro de 2015, em Londres. Essa agenda de transformação integra os objectivos de desenvolvimento sustentável aprovado pela Assembleia-geral das Nações Unidas e o Programa Nacional de Redução da Pobreza.

O nosso propósito foi dar um sinal sério e firme à comunidade internacional da nossa determinação e dizer ao mundo inteiro que sabemos o que queremos, bem como sabemos o que fazer para lá chegarmos. Foi até agora, no âmbito dessa iniciativa, mobilizado cerca de 50 milhões de dólares e vários efeitos indirectos e manifestação de vontade de investir e cooperar com o nosso país têm chegado, pese embora a difícil conjuntura internacional.

#### *Aplausos do ADI.*

Sr. Presidente, Excelências, Sras. e Srs. Deputados, caros compatriotas e residentes em São Tomé e Príncipe. Esta é a situação presente que nos preocupa, mas não constitui motivo de pânico nem de desespero. A situação macroeconómica está controlada, mas sem sombra de dúvida ela requer tratamento urgente, contínuo, rigoroso e corajosa determinação para os próximos tempos.

É preciso observar que, pese embora esses elementos de gestão financeira crítica do Estado aqui apresentados, São Tomé e Príncipe conseguiu manter a sua marcha para o progresso durante o presente ano de 2016. Garantir aos jovens uma educação de qualidade e acessível a todos; construir infra-estruturas necessárias à promoção do desenvolvimento, edificar um estado forte e moderno e uma democracia cada vez mais aberta que garanta a segurança, uma cobertura de saúde de qualidade, empregos, justiça

funcional e acessível, bem como a segurança alimentar e nutricional têm sido a essência da acção do Governo.

O futuro são os nossos jovens e não se trata de um simples *slogan* publicitário. A juventude permanece no centro das nossas preocupações todos os dias. Queremos aqui reconhecer que as medidas de políticas adoptadas até então não começaram a produzir os seus plenos efeitos. São ainda poucos os empregos gerados, são ainda poucas as ofertas formativas, são exíguos os recursos aplicados nos programas de empreendedorismo, mas o que importa é que estamos no caminho certo e que as nossas políticas têm sido validadas pelos parceiros que as financiam. É preciso perseverar e dar tempo ao tempo para que o que estamos a semear hoje possa dar os seus frutos.

O Governo reabilitou e construiu, nestes 2 anos, mais espaços de lazer, de convívios e aprendizagens destinadas à prática desportiva do que em toda a vida do País independente.

#### *Aplausos do ADI.*

O Governo introduziu, a partir deste ano lectivo, um programa de desporto escolar. As tecnologias de informações e comunicações chegam hoje a lugares nunca antes imaginados, impulsionado pelo programa massivo de electrificação do País, em curso.

A TVS passou a estar no ar 24 horas por dia, a Rádio Nacional e a TVS estão hoje na web, tornando-se acessível a todo mundo.

Não está ganho tudo, é ainda tudo muito frágil, é preciso perseverar e consolidar essas conquistas. Neste sentido, para além das acções de formação e capacitação, o Governo melhorou a cobertura escolar, construindo 56 novas salas de aulas, sendo 8 na Pré-escolar, 15 no Ensino Básico e 33 no Ensino Secundário. Por conseguinte, reduzimos em 22,97% o rácio dos alunos por turma, só no Liceu Nacional, e implementamos a 10.<sup>a</sup> classe em Porto Alegre, 11.<sup>a</sup> em Angolares, 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup> em Guadalupe, e em Madalena a 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> classes.

No início de 2017 será lançado o concurso para construção de cerca de 70 salas de aulas adicionais.

#### *Aplausos do ADI.*

Com essas acções, cerca de 2441 crianças deixaram de percorrer grandes distâncias e passaram a estudar nos seus distritos de origem e ficaram mais perto das suas escolas e muito mais serão ainda as crianças abrangidas em 2017.

Importa reflectir também que no ano lectivo 2015/2016 serviu-se cerca de 4,6 milhões de refeições quentes.

Com a aquisição de mais 10 autocarros, transportamos este ano diariamente cerca de 3420 alunos dos seus lugares de residência para as escolas e vice-versa.

Expandimos o programa de alfabetização de jovens e adultos para mais 14 novas comunidades e criamos quatro turmas na cadeia central, com vista a reforçar acções de reinserção social daqueles que se encontram privados de liberdade.

O desenvolvimento de ensino técnico e profissional é uma aposta do Governo. Neste sentido, reactivamos o CATAP e reforçamos o Centro de Formação Profissional Brasil/São Tomé e Príncipe.

Aumentamos o salário base dos professores e atribuímos outros benefícios, com vista a melhorar o seu rendimento global.

Foram adquiridos meios de transporte para os professores, criamos a Casa do Professor, que em menos de 1 ano prestou apoio clínico a 172 professores e acompanhamento psicossocial a 27 professores.

Sabemos o défice que ainda existe no domínio da formação universitária profissional e de bolsas de estudo para apoiar essas formações e toda a nossa política de formação está cada vez mais virada para o emprego e o empreendedorismo.

Para a diminuição do desemprego que se situa em cerca de 13,6%, o Ministério do Emprego e Assuntos Sociais implementou algumas acções como o apoio a criação do próprio emprego e os tais comparticipados nas empresas.

Encontra-se em curso o processo de implementação da contratação de massa, medida activa de emprego que visa recrutamento para o estágio ou emprego de pessoas com baixa qualificação.

Formamos, no Centro de Formação Profissional de Budo-Budo, cerca de 1000 jovens. E dos 1272 inscritos no Departamento do Emprego, até a presente data 20% foram encaminhados para o emprego.

Porque não pode haver oferta de emprego sem crescimento e investimento e porque não existe quem invista num país sem energia, os anos 2015 e 2016 foram profundamente marcados pela acentuada intervenção nos sectores da Água e Electricidade, designadamente aumento da potência energética e extensão da reconversão das redes eléctricas nas vilas, aglomerações de comunidades, substituições e instalação de condutas e ramais de águas, arranque, desenvolvimento e conclusão do projecto de sistema de abastecimento de água potável, de grande dimensão em diversos distritos.

#### *Aplausos do ADI.*

Essas acções colocam o nosso país bem acima da média africana, em termos de penetração da rede eléctrica e de distribuição de água potável. Paralelamente, desenvolveram-se trabalhos preparatórios de vários projectos no sector eléctrico e no sector de abastecimento de água.

O parque de geração de energia foi assim enriquecido de cerca de 15,8 MGW novos ou recuperados e prevemos, neste momento, a construção da nova central na Região Autónoma do Príncipe, com três novos grupos sincronizados de 3 vezes 900 KVA, o que permitirá definitivamente garantir aos residentes da região um fornecimento de energia de qualidade durante às 24 horas do dia.

Neste último Sábado, fizemos com que já não exista no País nenhuma capital dos distritos sem ligação à rede eléctrica da EMAE, gozando do fornecimento da energia eléctrica durante às 24 horas do dia. Foi o caso de São João dos Angolares.

O Governo decidiu igualmente que a Região Autónoma do Príncipe passe a beneficiar de energia eléctrica de 24 horas por dia, dentro de poucos dias, num respeito de inclusão e de continuidade territorial.

O Governo abre então a mão à necessidade de melhoria da gestão de capacitação dos recursos humanos na EMAE, para fazer face a uma rede mais extensa e mais complexa, aberta a receber produtores e fornecedores privados, no quadro do contrato de parcerias público-privadas.

Os projectos de abastecimento de água potável nas Vilas de Ribeira Afonso e Milagrosa, no Distrito de Mé-Zóchi, que deverão abastecer todas localidades, no corredor Milagrosa, Cruzeiro, Obolongo, Pau Sabão, Caixão Grande, Margarida Manuel, Cabeça Cal, Palha, S. Marçal e Pantufo, bem como o corredor San Fenícia, Riba Mato, Almas, Praia Melão e ainda as localidades de San Maria, Monta, Bom-Bom e Cova Barro avançam a bom ritmo, devendo estar concluídos até o final da Legislatura.

### *Aplausos do ADI.*

Ainda no Sector da Água, foi reforçada a capacidade de produção de Água Clara II, através da reabilitação do depósito de Mateus de Angolares, com capacidade de 800 metros cúbicos.

O projecto de abastecimento de água potável na cidade de Neves foi revisto, quer na vertente técnica quer financeira, e encontra-se, neste momento, na sua fase de conclusão.

Neste momento, o Governo está em intensa negociação com o Banco Árabe de Desenvolvimento Económico em África (BADEA), para estruturar uma montagem financeira para o projecto de abastecimento de água potável a toda cidade de Santana e arredores.

A electrificação no meio rural tem encorajado, em certa medida, o regresso à terra e o aumento da produção e da segurança alimentar. Foram semeados, no quadro de projectos governamentais, cerca de 400 hectares de milho, 130 hectares de mandioca, 70 hectares de matabala, 30 hectares de batata doce e nove hectares de soja.

Foram distribuídos, nos últimos 2 anos, para engorda, a crédito, cerca de 749 leitões a diversas cooperativas e produtores individuais, e se produziu cerca de 51,6 toneladas de carne suína.

Novas técnicas de luta contra a erosão e do aproveitamento do espaço estão a ser desenvolvidas com a experiência do Ruanda e avanços estão a ser realizados no domínio da irrigação.

A nossa economia tem pela frente desafios da diversificação e do alargamento da base produtiva, com o propósito de criar emprego e gerar riqueza.

Para o efeito, o Governo tem trabalhado afincadamente na melhoria do ambiente de negócio, com vista a melhorar o desempenho do sector privado nacional e atrair investimentos estrangeiros, condição de expansão da nossa economia. Nesta senda, o Governo adoptou um novo código de investimento, adoptou o código de benefícios fiscais, o código nacional da dívida pública, o regime geral da mediação de seguros, o código de normalização e certificação dos produtos e serviços, medidas especiais de saneamento e resolução de liquidação e liquidação bancária.

A diversificação da economia impõe uma reforma profunda na Administração Pública, de modo a convertê-la numa verdadeira força impulsionadora do desenvolvimento e não num obstáculo, como tem sido até agora.

O Governo elaborou, com a assistência do FMI, um plano de reforma das finanças públicas, que foi aprovado pelo Conselho de Ministros, devendo a sua implementação iniciar brevemente.

A reforma da Administração Pública é imprescindível para aumentar a capacidade de direcção de recursos, bem como a sua absorção interna. É absolutamente necessário racionalizar as estruturas administrativas, de modo a ajustá-las à necessidade de concepção, planificação, seguimento e avaliação das políticas, programas e projectos de desenvolvimento.

Alterações profundas devem ser introduzidas no momento de recrutamento e avaliação dos funcionários, bem como a sua responsabilização.

É de notar, com alguma preocupação, um aumento da contratação na função pública, acima de 2000 pessoas, entre 2013 e 2016, situando o número de funcionários hoje a mais ou menos 9150, sobretudo nos sectores da Saúde e da Educação, sem que se tenha sentido uma melhoria significativa na prestação de serviço.

Durante os anos 2015 e 2016, foram realizadas acções de formação para os quadros da função pública, iniciou-se o processo de inquérito para se saber onde está e o que faz efectivamente cada funcionário, o

que permitirá definir políticas e implementar medidas, visando aumentar a produtividade individual e colectiva dos funcionários.

Foi implementada uma unidade de inspecção da Administração Pública, que em 2017 iniciará as inspecções às instituições públicas, o que se espera que poderá resolver alguns problemas relativos a pontualidade, assiduidade e o respeito pelos procedimentos e regras que afectam o bom funcionamento da Administração Pública, como a própria produtividade de cada funcionário.

Essa inspecção será desenvolvida com o apoio de parceiros de desenvolvimento, em colaboração com a Universidade Pública de São Tomé e Príncipe. Prevê-se também a implementação das alterações que serão introduzidas na Lei 5/97 – Estatuto da Função Pública, para alterar a situação geral da Administração Pública.

O crescimento económico sustentável passa também pela infra-estruturação do País. Nesse sentido, o sector de infra-estrutura pesada, onde se distingue o porto, o aeroporto e a rede rodoviária continua a merecer a atenção do Governo. Neste sentido, o Governo vem trabalhando não só com os parceiros multilaterais de desenvolvimento, mas também com o sector privado internacional, com a finalidade de encontrar uma combinação óptima para o financiamento desse projecto.

No que concerne a estradas, o Governo não pode esconder o pouco interesse dos parceiros multilaterais no seu financiamento, devido, por um lado, à baixa capacidade de endividamento do País e, por outro lado, devido ao elevado custo de construção sem que esteja justificada a sua rentabilidade económica, com excepção da Estrada Nacional n.º1.

Relativamente ao porto e aeroporto, o interesse é grande, no entanto, a montagem da engenharia financeira morosa e extremamente complicada em tempo de crise, mas também pela incapacidade do Estado são-tomenses de assumir parte do risco envolvido, condição de participação dos restantes parceiros. Apesar de tudo, o Governo logrou concluir, com a assistência de alguns parceiros, os estudos, estando neste momento intensas negociações que se espera que fiquem concluídas em 2017.

As infra-estruturas das telecomunicações e das TIC conheceram melhorias significativas graças ao investimento das duas operadoras de telecomunicação e ao desenvolvimento, pelo Governo, de uma rede de centros digitais nos distritos e na Região Autónoma do Príncipe e instalação de centros de interacção jovem e praças digitais, particularmente nas capitais dos distritos...

O Sr. **Presidente**:— Sr. Primeiro-Ministro, apenas para informá-lo que o seu tempo se esgotou. Sei que ainda tem vontade de intervir, portanto, gostaria de ouvir...

*Murmúrios.*

Então, o Sr. Primeiro-Ministro pode continuar a sua intervenção?

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**:— O ordenamento do território e a gestão da terra têm constituído preocupações de longa data dos poderes públicos, quer para a dimensão do nosso território terrestre, quer pelo peso da nossa demografia, uma das mais elevadas do continente africano, quer pela necessidade de optimização do uso da terra. Há aqui uma preocupação de racionalidade económica e com as futuras gerações, mas também uma preocupação com o ambiente, enquanto bem colectivo que deve ser protegido e salvaguardado.

Excelências, o crescimento sustentável não resulta apenas de uma combinação óptima de sectores económicos. A coesão social, a segurança jurídica, a segurança das pessoas e dos bens e a credibilidade externa são elementos fundamentais para o crescimento económico. O Governo tem desenvolvido acções para reforçar a segurança dos actos sujeitos ao registo, tendo sido adoptadas medidas ao nível organizativo dos Serviços de Registos e Notariado, eliminando algumas taxas que constituem obstáculo para a actividade empresarial e foi também aprovado o plano estratégico no qual estão previstas medidas de melhoria ao nível da organização e do funcionamento, como a informatização dos serviços de Bilhete de Identidade e todos actos e preservação dos acentos. Foram reduzidas as custas e emolumentos das escrituras públicas com garantia hipotecária, bem a estipulação de gratuidade dos actos de distrato ou cancelamento de hipotecas no registo predial, situação que nos últimos meses não havia um aumento substancial de realização da escritura pública.

Ainda no âmbito da coesão social, o Governo procedeu a um aumento significativo das pensões mais baixas, bem como das camadas mais vulneráveis.

Mães carenciadas conheceram 20% do aumento das suas pensões.

O subsídio contínuo dos idosos conheceu um aumento de 128%.

O subsídio concedido aos idosos subiu de 54%.

A pensão mínima de velhice aumentou 27% e a pensão de sobrevivência, 25% e ainda a pensão de invalidez conheceu um aumento de 31%.

*Aplausos do ADI.*

A inclusão da nossa diáspora no processo de desenvolvimento global do País é uma preocupação, traduzida na aprovação, pelo conselho de Ministros, de uma proposta de lei que estende o direito de voto aos são-tomenses que vivem fora do País.

O Governo trabalhou afincadamente na melhoria da qualidade da oferta do serviço de saúde, dando continuidade e reforçando os programas de luta contra doenças transmissíveis e não transmissíveis. Além disso, o Governo celebrou com o governo da República da China (Taiwan) um acordo que permitiu a reabilitação e equipamento do antigo Centro Policlínico de Água Grande, que se encontra em fase de conclusão.

Com a mesma preocupação, o Governo iniciará, no próximo ano, com a assistência financeira do Fundo do Kuwait um projecto de requalificação e construção do Hospital Ayres de Menezes, aglutinando os serviços actuais no mesmo espaço e criando novos até hoje inexistentes, dentre os quais os serviços de hemodiálise.

A Turquia participará na ampliação e melhoria das condições da maternidade do Hospital Ayres de Menezes, bem como a construção do centro de fisioterapia de estomatologia.

Convém realçar ainda a realização, pela primeira vez do estudo sobre as contas da saúde, o que nos permite saber exactamente quanto é que se gasta com a saúde no País e como se pode otimizar esses custos.

A instalação do PAC e a formação dos técnicos que deverão manipular esse aparelho constitui uma grande novidade no nosso sistema de saúde, ao mesmo tempo que irá reforçar a nossa capacidade de diagnosticar as doenças.

A instalação de uma central de produção de oxigénio e gás, em São Tomé e na Região Autónoma do Príncipe, dentre outras acções, constituem de facto melhorias e conquistas evidentes no Sector da Saúde.

A justiça, outro factor importante de crescimento económico, mas também de administração da sociedade e da coesão social permanece um motivo de grande preocupação.

Para que não haja equívoco, o poder judicial é autónomo e autogoverna-se.

Os Tribunais e os Magistrados são independentes, na administração da justiça, na tomada de decisão que afectam irremediavelmente a vida dos cidadãos que têm interesse nos processos. No entanto, deve ficar aqui claro que a política da justiça é da responsabilidade do Governo, o financiamento do sistema de justiça cabe igualmente ao Governo. Por conseguinte, compete ao Governo dizer que a reforma da justiça é absolutamente imprescindível. Teve um início feliz com a avaliação dos Magistrados e funcionários judiciais.

As acções de formação e de equipamento marcam passo este ano. As reformas legislativas, mormente no que diz respeito a revisão e redacção de novos códigos, o estatuto dos funcionários judiciais, a gestão dos cofres dos Tribunais, entre outros, tardam a chegar, tudo, em parte, devido a dificuldades financeiras.

Os Magistrados suspensos, no âmbito do processo de avaliação dos juizes, permanecem indefinidamente suspensos, recebem os salários e gozam de todas regalias devidas aos juizes, mas não fornecem qualquer contrapartida à sociedade e aos Tribunais.

Não há finanças que suportam uma tal aberração, sobretudo quando estamos em presença de um país que não produz e que vive da caridade internacional.

As custas judiciais praticadas no país constituem um autêntico travão ao princípio do acesso universal à justiça, favorecem os prevaricadores e dissuadem as vítimas no momento da defesa dos seus direitos, incapazes de suportar os preparos e as custas, tudo isso acrescido à revoltante morosidade processual.

A crescente sensação d insegurança, o desamparo dos cidadãos face à violência social, o aumento da impunidade estrutural, a evolução da sociedade face a uma justiça com estrutura desenquadrada com as exigências da sociedade actual, o aumento da criminalidade, a ameaça da criminalidade organizada e o papel das redes sociais com maior visibilidade e dinamismo e, por vezes, sem responsabilidade na sua utilização, as crescentes opiniões sociais negativas sobre o funcionamento das instituições judiciais e a exigência crescente para que se respeitem os direitos humanos, constituem sinais evidentes de que a justiça necessita de acelerar e aprofundar ainda mais a reforma que deu o seu início com a última inspecção e que não pode nem deve escamotear as suas consequências, para ser credível e reforçar a confiança daqueles que procuram os serviços da justiça.

O compromisso do Governo é adoptar medidas tendentes a garantir a tutela efectiva dos legítimos interesses do cidadão e dos agentes económicos. Para tanto, é necessário implementar uma justiça de proximidade, descongestionar os Tribunais Judiciais, através do desenvolvimento da justiça arbitral e criação de secção especializada de menores e família, criar um verdadeiro serviço autónomo de inspecção, formado por um corpo de inspectores em regime de exclusividade, que permite a avaliação sistemática efectiva do desempenho dos magistrados.

Atendendo que o poder judicial é único órgão de soberania cujo mandado não é hoje ditado nas urnas, a inspecção reveste de fulcral importância, uma vez que é o único mecanismo de controlo da competência, habilidade e produtividade dos magistrados que integram diferentes órgãos e instâncias que dizem a justiça em nome do povo.

A reforma da justiça deve prevalecer sobre qualquer outro interesse neste país, pois da justiça depende a nossa coesão, a nossa unidade, o nosso sentimento de pertença a uma nação que trata igual a todos os seus filhos.

A soberania dos Tribunais não pode traduzir-se num Estado dentro de um Estado. Não deve o tribunal disseminar na sociedade um sentimento de algaz impunidade e de descrédito do sistema judicial. Não podem os Tribunais transformar-se num espaço de excepção no seio da República.

Por toda essas razões, o Governo assumiu como prioridade a implementação de medidas tendentes a reforçar os Tribunais, criar estruturas e meios alternativos de resolução de conflitos, preparar propostas de revisão de alguns dispositivos legais, sobretudo a Lei Base do Sistema Judicial, a Lei das Custas Judiciais, o Estatuto dos Magistrados Judiciais e do Ministério Público e outros diplomas que possam garantir e contribuir para a melhoria da organização dos Tribunais Judiciais e do Ministério Público, o recrutamento, a formação, a avaliação, a informatização e o acesso dos cidadãos à justiça.

Durante o ano 2015/2016 o Governo adoptou a política nacional de protecção de menores, bem como o plano de actividade, com a aplicação da Convenção Internacional do Direito dos Menores, tendo ainda elaborado algumas propostas de lei que, aprovadas e devidamente implementadas, concorrerão seguramente para a felicidade das nossas crianças.

Minhas senhoras e meus senhores, não podia concluir esta intervenção sem falar da Segurança. É sobre este sector que pesa uma das maiores ameaças da actualidade, o terrorismo, crime global e sem fronteira.

Vimos reforçando, com a ajuda e cooperação dos nossos parceiros, a nossa capacidade de fazer frente a essas ameaças, mas a segurança interna não é menos ameaçadora, pois da livre circulação das pessoas, bens e capitais depende o crescimento económico. Esta circulação tende a fazer-se em total segurança. Infelizmente, apesar de uma maior capacidade operacional e de intervenção das nossas forças de segurança, quer em meios materiais quer humanos, as necessidades são enormes face ao desafio e o tempo perdido na capacitação no nosso sistema de segurança deixou bastante tempo e espaço aos criminosos, que agem e causam danos muitas vezes irreparáveis.

A segurança é um assunto com que todos os governantes e todos aqueles que aspiram o poder têm de lidar, pelo que se trata de um valor de regime que não está disponível nem deve estar disponível para chantagens políticas. São bens que se perdem irremediavelmente, são vida que se perdem para sempre.

É preciso continuar a trabalhar na génese dessa criminalidade, educando melhor, formando melhor, integrando melhor, distribuindo melhor, prevenindo melhor e lutando melhor e mais eficazmente contra a criminalidade, seja ela pequena ou grande, nos centros urbanos ou nos meios rurais.

Não discorreremos aqui sobre os contingentes das forças de segurança, sobre os meios operacionais colocados à sua disposição, sobre os recursos financeiros alocados, nem tão pouco sobre acções de formações levadas a cabo. Todavia, os esforços devem ser redobrados. Nesse sentido, o Governo já aprovou três propostas de lei relativas à lei-quadro da política criminal, lei de investigação criminal e lei que cria uma nova polícia Judiciária, em substituição da actual PIC.

O que importa é tornar o nosso país cada vez mais seguro, aumentar a cada dia a confiança daqueles que aqui vivem, os que nos visitem por ter uma cultura de falso alarmismo de aproveitamento irresponsável de factos isolados e uma série de motivações que lhes atribuem.

A segurança é um importante activo de que beneficia o nosso país para o seu desenvolvimento económico. É preciso, custe o que custar, preservar a segurança e a paz, mas a segurança é uma questão suficientemente séria para que não a coloquemos exclusivamente nas mãos das Forças de Defesa e Segurança.

Temos todos, pelos nossos comportamentos, atitudes e decisões, de nos transformar em agentes de segurança. Estou certo que assim agindo estaremos mais seguros.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Excelências, eis o País que temos hoje, 19 de Dezembro de 2016, e é a convicção do XVI Governo Constitucional, que tenho a honra e a responsabilidade de chefiar, que iremos transformar essa realidade, para que o futuro dos são-tomenses, sobretudo os mais desfavorecidos, da juventude, das crianças e das mulheres, seja mais promissor.

Com a contribuição de todos que se encontram inspirados pelo sentimento patriótico, pelo realismo, pelo amor ao próximo, ao bem e à justiça, venceremos.

Muito obrigado e que Deus abençoe São Tomé e Príncipe.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Após a exposição do Sr. Primeiro-Ministro sobre o Estado da Nação, está aberto o debate, pelo que convido as Sras. e os Srs. Deputados a colocarem as suas questões.

Para melhor organização das nossas intervenções neste debate, gostaria de sugerir que as Sras. ou Srs. Deputados colocassem as primeiras cinco questões, pelo que o Sr. Primeiro-Ministro daria resposta às mesmas e assim sucessivamente. Portanto, consideraria uma primeira ronda ou círculo de questões, seguida também de uma primeira ronda ou círculo de respostas, até se esgotarem as perguntas apresentadas, que não deverá exceder o tempo disponível para o debate.

Tem palavra o Sr. Deputado José Manuel Costa Alegre.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Interpelação à Mesa, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**:— Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, não foi definido esse figurino que o Sr. Presidente apresentou aqui para o debate do Estado da Nação. Não tem que dizer quantas perguntas os deputados têm que colocar. Se quiser colocar uma, se quiser colocar dez, coloca. Portanto, o Sr. Presidente não pode determinar quantas perguntas temos que colocar. O que interessa é que cada um respeite o tempo que tem disponível.

O Sr. **Presidente**:— Se o Sr. Deputado entendeu bem, eu disse isso. Disse que para organizar melhor o nosso debate ciclicamente, portanto as cinco perguntas e passamos, digamos assim, ao Sr. Primeiro-Ministro, para responder e depois continua o círculo, não pára. A de mais, cinco pergunta, é uma forma apenas para organizarmos o debate e ser mais considerado com aquilo que queremos, discutir sobre o Estado da Nação.

Não retemos o tempo, temos cerca de 5 horas para poder discutir a vontade, daí que sugeri apenas para a organização do nosso debate. Posto isso, gostaria de convidar o Sr. Deputado José Manuel da Costa Alegre, para a sua intervenção.

O Sr. **José Manuel Costa Alegre** (ADI):— Sr. Presidente, já algumas vezes fiz alteração disto aqui, o meu nome é José Manuel Macumbo Costa Alegre. Tem aparecido um “da” que está a mais.

Boa tarde Sr. Presidente, boa tarde Sr. Primeiro-Ministro e todo elenco governamental, boa tarde Sras. Deputadas e Srs. Deputados.

Sr. Primeiro-Ministro, não obstante durante o seu discurso que, no meu ponto de vista foi bastante clarificador, ter tocado em algum aspectos e dentre eles ter realçado bastante o aspecto energético, fazendo referência a algumas localidades que foram beneficiadas com a energia, porque a minha satisfação é grande demais, enquanto Deputado eleito no Círculo Eleitoral de Caué e porque a cidade de S. João dos Angolares, pela primeira vez, tem a energia 24 horas por dia, na rede de EMAE, sinto-me na obrigação de voltar a tocar nisso e quero, em meu nome pessoal, Deputado eleito no Círculo Eleitoral de Caué, e em nome do povo de Caué, em primeiro lugar, parabenizar o povo de Caué por esta conquista e, em segundo lugar, agradecer o Governo por esta política, que Caué agradece.

Um outro assunto que me trás cá, Sr. Primeiro-Ministro, é uma questão que quero colocar a si e ao Governo, é uma questão que me preocupa bastante e acredito que preocupa também os homens e as mulheres são-tomenses. Por isso, trago-a aqui para encontrar uma resposta do Governo. A questão é o fenómeno criminalidade. Não obstante existir algumas medidas para estancar esse fenómeno e partindo do princípio do que se tem assistido, crescente número de entrada de turistas no país, o que é fundamental para a nossa economia, a pergunta que trago ao Governo e ao Sr. Primeiro-Ministro é a seguinte: qual é a política do Governo, qual é a estratégia para poder estancar definitivamente essa onda de criminalidade que assola o País?

Acredito que todo homem são-tomense se revê nessa pergunta e querem também uma resposta do Governo.

O Sr. **Presidente**:— Mais perguntas, Srs. Deputados?

Bem, dizia que temos cerca de três bancadas parlamentares e também temos um deputado do Partido UDD.

Há um silêncio e não sei se devia convidar os Srs. Deputados para colocarem mais questões.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Muito obrigado Sr. Presidente.

Sr. Primeiro-Ministro, permita-me saudar-lhe e manifestar a minha satisfação de lhe ver hoje aqui nesta Casa Parlamentar, para este debate do Estado da Nação.

Gostaria de cumprimentar a todas as Sras. e Srs. Deputados aqui presentes e os Membros do Governo que lhe acompanham, Sr. Primeiro-Ministro.

Sr. Primeiro-Ministro, estamos cá, os Deputados da Nação, porque fomos eleitos pelo povo, para representar o povo nesta Assembleia Nacional e é na realidade aqui na Assembleia Nacional onde existe o povo de São Tomé e Príncipe. Tenho ouvido frequentemente a sua intervenção sobre o povo pequeno, acho que não consigo entender essa sua intervenção sobre o povo pequeno. O certo é que só há um povo. Há um povo e uma nação e somos todos povo de São Tomé e Príncipe, como há povo americano, português, brasileiro, etc. Somos povo de São Tomé e Príncipe e não temos aqui povo pequeno. Se houver povo pequeno, quer dizer que todos somos pequenos, mas os são-tomenses são pessoas, portanto, pertencem à classe de povo grande. Somos grandes, Sr. Primeiro-Ministro.

Segunda questão, para dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que ouvi atentamente a sua explanação. O Sr. Primeiro-Ministro quis falar do Estado da Nação, mas não falou do Estado da Nação, não disse nada!

Por outro lado, quero dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que o senhor, na sua intervenção, demonstrou realmente o que disse na sua intervenção, quando foi visitar as Forças Armadas. Disse que o povo de São

Tomé e Príncipe está todo indisciplinado, e o senhor não foge à regra, porque veio cá para falar 30 minutos e falou quase 60 minutos. Isso é um sentido de indisciplina.

O Sr. **Presidente**:— Sr. Deputado, peço imensas desculpas em interrompê-lo. Estamos a discutir o debate sobre o Estado da Nação, gostaria que o Sr. Deputado Líder da Bancada do MLSTP/PSD se cingisse a isso. Portanto, vamos começar a falar daquilo que nos interessa ouvir.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, peço que o senhor cumpra a sua função de Presidente da Assembleia. Se quiser fazer uso da palavra, assumo o lugar na bancada dos deputados, porque é isso que manda a regra.

Estou a falar sobre o controlo do jornal que diz aqui que o Sr. Primeiro-Ministro disse que o povo de São Tomé e Príncipe está intolerante e está stressado. É a sua expressão, não minha. Portanto, se o povo de São Tomé e Príncipe está stressado e indisciplinado, e se o chefe do Governo é indisciplinado, que filho que pode ser disciplinado se o pai é indisciplinado?

Sr. Presidente, para continuar, o Sr. Primeiro-Ministro falou-nos da crise económica internacional. Sabemos que a crise económica internacional começou desde 2008 e o senhor, antes de entrar para o Governo, aliás fez parte de dois governos durante esse período, sabia que estamos perante a crise económica internacional. Por isso, não vale a pena trazer uma palavra insultuosa, como disse aqui, que estamos nos transformando todos em parasitas. Não somos parasitas, Sr. Primeiro-Ministro! O povo são-tomense não é parasita! Nunca andamos à procura daquilo que não é nosso.

Diz o Sr. Primeiro-Ministro que o povo não trabalha. Sr. Primeiro-Ministro, o trabalho dignifica o homem. Onde é que está a dignidade do povo são-tomense, se não tem trabalho para trabalhar? E onde está a sua dignidade, se não trabalha?

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. Primeiro-Ministro disse que consumimos recursos alheios. Se consumimos recursos alheios, acho que quem consome recursos alheios é o Sr. Primeiro-Ministro, pois em 2015 o Sr. Primeiro-Ministro viajou pelo mundo fora, fez o seu turismo, gastou € 1 800 000 00 (um milhão e oitocentos mil euros) do País, quando o seu orçamento para viagem era de apenas 53 mil euros. Mais tarde veio justificar que só gastou 100. Mas 100 quê? O orçamento para seu gabinete não é só para si. É para todo o seu gabinete e é apenas 53 mil euros/ano. O senhor gastou € 1 800 000 00.

Em 2016, o senhor viajou 28 vezes, viajou menos, mas aumento o período de estadia lá fora. Passou de cinco para 10 dias em média e gastou € 1 600 000 00 na sua viagem. O orçamento do seu gabinete é de 53 000 euros/ano e o senhor gastou só com o seu gabinete o superior ao orçamento estabelecido para o seu gabinete durante o ano e o superior ao orçamento para muito ministério deste país.

Sr. Primeiro-Ministro, isto é ou não delapidação do bem público?

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Sr. Primeiro-Ministro, o senhor terá que nos justificar qual é a razão dessas despesas, tendo em conta que durante o surgimento da República Democrática de São Tomé e Príncipe não conheci nenhum primeiro-ministro que tivesse viajado mais que três vezes por ano, mas trouxeram melhor resultado para o desenvolvimento deste nosso país...

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

*Protestos do ADI.*

Portanto, o senhor terá que justificar. O senhor consentiu a delapidação do cofre o Estado, no valor de € 1 300 000 00 (um milhão e trezentos mil euros), para poder projectar o desenho da nova dobra, quando as dobras que temos actualmente foram desenhadas por um desenhador são-tomense, o Sr. Protásio Pina, que cobrou apenas 300 dólares. De 300 para 1 300 000 00?

Sr. Primeiro-Ministro, isto é uma forma de delapidar ou não? Isto é corrupção!

Sr. Primeiro-Ministro...

O Sr. **Presidente**:— Sr. Deputado, Sr. Deputado, Sr. Deputado, peço para ter intervenções...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, pára o nosso tempo. É preciso recuar. O senhor está a roubar-me o tempo e não me está a deixar falar. Tem que recuar se faz favor.

O Sr. **Presidente**:— Eu agradecia que consultassem o artigo 28.º Regimento da Assembleia, na alínea K). Vou ler.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, pode mudar de sítio? O senhor não quer deixar-me falar. A ditadura tem fim.

O Sr. **Presidente**:— Vou ler apenas o artigo 28.<sup>o</sup> do Regimento da Assembleia Nacional, alínea K). Diz: «Manter a ordem...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— E o senhor está a manter a ordem? Quem está a violar a ordem?

O Sr. **Presidente**:— «Manter a ordem e a disciplina, bem como a segurança da Assembleia Nacional, podendo para isso requisitar e usar os meios necessários e tomar as medidas que entender convenientes.»

*Protestos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Isso é uma ameaça, Sr. Presidente. É uma ameaça. Fomos nós que pusemos o senhor lá. Então, o senhor é um de nós. O senhor não manda aqui. O senhor apenas dirige.

O Sr. **Presidente**:— Está no Regimento, Sr. Deputado. É um dos dispositivos do Regimento. Tem a ver com a competência do Presidente da Assembleia.

O Sr. **Presidente**:— O Sr. Deputado pode falar, mas moderadamente. Fala com alguma disciplina, está bem.

**Uma Voz do MLSTP/PSD:** — Isso é democracia.

O Sr. **Presidente**:— Por estarmos em democracia é que devemos ser disciplinados, como deputados que somos.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Não, não, não. Se o senhor é vassalo, não sou.

O Sr. **Presidente**:— O Sr. Deputado pode continuar a sua intervenção. Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa, para uma interpelação à Mesa.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, é uma interpelação à Mesa, nos termos regimentais. Estamos no início dos nossos trabalhos e, pelo bem até da sua saúde, é preciso ter calma. Penso que o Líder Parlamentar do MLSTP/PSD não colocou nenhuma palavra injuriosa aos Deputados ou aos membros do Governo, até então. A palavra corrupção é normal.

O Sr. Primeiro-Ministro, aqui na sua intervenção, falou de parasitas, um; viagens em pajeros, dois; lamentar em permanência, três.

Penso que, no quadro da resposta, é normal o Líder responder. Não há nada injurioso que possa impedir o debate.

*Murmúrios de uma voz do ADI.*

O Sr. Deputado que vá lá ao pódio. O Sr. Primeiro-Ministro falou aqui de parasitas. O Sr. Deputados sabe o que é parasita? Então, sabe do que estou a falar.

Então, vamos ter calma, o debate está no início, estamos a interpelar o Governo e peço à Mesa que de facto palavras injuriosas não aconteçam aqui, mas temos que interpelar o Governo.

O Sr. Primeiro-Ministro falou de parasita, quem reagiu?

O Sr. Deputado tem acesso para colocar as suas questões. Não tenho esse defeito e quando estou no uso da palavra não gosto que me impeçam, porque eu não impeço ninguém, percebeu?

É só esta advertência para que deixe o líder falar. Queremos transmitir as preocupações, o Governo tem a maioria, está à vontade para 4 anos, mas tem que prestar contas.

É apenas isso.

O Sr. **Presidente**:— Muito obrigado, Sr. Deputado, pela sua intervenção.

Apenas para dizer que eu não disse nada. Apenas cingi-me ao artigo que está estatuído no Regimento, não estou a ameaçar. Pedi para ver o Regimento, no artigo 28.<sup>o</sup>, que fala da competência do Presidente da Assembleia. Se houver atitude de resvalar para outras coisas que não têm nada a ver com o debate, tenho a mera convicção de que tenho que intervir. Por isso, chamei atenção, apelando a todos para moderarmos as nossas linguagens, porque é um debate sobre o Estado da Nação e agradecia que nos cingíssemos apenas a isso.

O Sr. Deputado Jorge Amado tem a palavra, para continuar a sua intervenção.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, acho que não tenho estado a exceder, mas se o fiz, me penitencio.

Sr. Presidente, estou a fazer perguntas e aguardo que haja resposta com relação a elas. Quero ter uma resposta, Sr. Primeiro-Ministro, sobre a destruição deliberada do navio de patrulha, que custou ao País € 2 250 000 00 (dois milhões e duzentos e cinquenta mil euros) e que hoje o País perdeu um valor significativo da sua economia. Facto que vem justificar o posterior, importação de cinco navios, para fazer cobro ao navio destruído, o que deixa claro o índice de corrupção existente nesse negócio. Queremos saber quem comprou o navio. Como é que esses navios chegaram ao país e onde eles se encontram neste preciso momento. Porque não sabemos onde andam esses navios.

Sr. Primeiro-Ministro, quero saber por que é que comprou cinco geradores velhos para São Tomé e Príncipe, quando o Governo anterior havia encomendado dois geradores novos da fábrica, zero quilometro?

*Risos gerais.*

...dois geradores vieram numa primeira fase e outros três vieram a seguir e tiveram que ser conduzidos com médicos, bombeiros, salva-vidas e tudo, porque o gerador estava completamente destruído. Agora, esses geradores velhos não fazem parte daquilo que é o objectivo de desenvolvimento sustentável que o Sr. Primeiro-Ministro assinou em 2015.

Quando o Sr. Primeiro-Ministro diz que tem posto energia em todo lado, devo fazer-lhe recordar quanto é que tem recebido de Organizações Internacionais, para colocar a energia no País. A energia já devia estar em Santo António Mussacavú.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Gostaria de saber, Sr. Primeiro-Ministro, quando é que vai pagar os seis milhões de euros que recebeu da venda do título de tesouro. Era para pagar em 2 de Novembro e hoje estamos em 19 de Dezembro.

Gostaria também de saber, Sr. Primeiro-Ministro, quando é que vai pagar 3,5 milhões de euros da dívida pública com os bancos comerciais. Hoje o Sr. Primeiro-Ministro solicita aos bancos comerciais o pagamento dos salários de Dezembro, mas a outra dívida, como é que vai pagar?

€ 1 400 000 00 (um milhão e quatrocentos mil euros da SONANGOL, como é que vai pagar? Acrescido aos 43 que já estão em reserva, como é que vai pagar?

As empresas de construção que o senhor mandou construir os pólos desportivos e estradas por aí, que não pagou e que estão todas na falência, desempregando as pessoas, pais de famílias que têm hoje salário zero, porque estão desempregados, como é que vai resolver esse problema, Sr. Primeiro-Ministro?

Finalmente, Sr. Primeiro-Ministro, quero saber dos 30 milhões de dólares que recebeu de uma empresa chinesa, como empréstimo para São Tomé e Príncipe, um acordo de empréstimo de que não conhecemos a cláusula, um acordo de empréstimo que não sabemos quem emprestou...

Sr. Primeiro-Ministro, peço que preste atenção.

*Protestos do ADI.*

...quem assinou o empréstimo, assinou no local onde deve assinar o credor e o credor assinou no local de devedor. Quem é o credor e quem é o devedor? Quem pediu o empréstimo e quem deu o empréstimo? São Tomé e Príncipe pediu ou deu empréstimo?

Um acordo de empréstimo assinado numa e única folha timbrada, com o timbre de São Tomé e Príncipe, alguma vez é acordo de empréstimo? Quais são as cláusulas desse acordo?

A Assembleia autorizou-lhe a fazer esse empréstimo?

O gabinete de dívida deu algum parecer sobre isso?

O Ministério Público avalizou esse empréstimo?

O Presidente da República ratificou o empréstimo?

Esse empréstimo não tem nada a ver connosco, Sr. Primeiro-Ministro. Não é dívida de São Tomé e Príncipe, igualmente os 17 milhões de Kuwait. O senhor vai pagar, porque não o autorizamos a contrair essas dívidas. Para fazer o quê? Para construir um hospital de referência? Onde está o hospital de referência de Taiwan? Desapareceu, assim como desapareceu o centro de urgência de dois pisos, que foi utilizado numa reabilitação?

Sr. Primeiro-Ministro, gostaria que nos respondesse a essas questões, porque muitas outras virão depois.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d'Oliveira.

O Sr. **Abnildo d'Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, é apenas uma interpelação à Mesa.

Quando iniciamos os nossos trabalhos, no decorrer do discurso de Sua Excelência o Sr. Primeiro-Ministro, depois de ter esgotado os 30 minutos regimentais, penso que foi a Assembleia que autorizou o Sr.

Primeiro-Ministro a continuar o seu discurso. Portanto, foi deslocada a intervenção do Sr. Deputado Líder do MLSTP/PSD, porque ele também anuiu a essa iniciativa, autorizando o Sr. Primeiro-Ministro a terminar o seu discurso.

A palavra indisciplina aqui foi muito desenquadrada.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa, para colocar as suas questões.

Coloque as suas perguntas e o Governo irá responder, quando for possível.

Tinha sugerido, no início, se se lembram, cinco intervenções das Sras. e Srs. Deputados. Só que o Sr. Deputado Jorge Amado fez mais que uma intervenção.

*Murmúrios.*

Não terminei. Fez mais que uma intervenção, mais que uma pergunta, é bem normal que o outro deputado poderá também vir colocar.

Não vamos polemizar isso, estamos a falar no microfone, é verdade, a população aguarda de nós alguma resposta sobre esse sentido. Gostaria de saber qual é a opinião do Sr. Primeiro-Ministro. Pode responder agora às questões colocadas?

Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d'Oliveira.

O Sr. **Abnildo d'Oliveira** (ADI): — Enquanto o Sr. Presidente apresentava uma proposta de como devia seguir os nossos trabalhos, o Sr. Presidente disse que os deputados apresentassem cinco perguntas.

Entendi, na sua alocução, cinco intervenções.

*Murmúrios.*

Portanto, queria pedir esclarecimento à Mesa, que está a conduzir os trabalhos, se ficamos nas cinco perguntas ou cinco intervenções.

O Sr. **Presidente**: — Cinco intervenções, a ideia inicial era esta, mas acho que não estamos aqui para polemizar nada.

O Sr. Primeiro-Ministro veio para prestar alguns esclarecimentos necessários sobre o Estado da Nação e é esse o propósito que nos trouxe cá.

Volto a pedir para nos cingirmos a isso.

São cinco intervenções que eu tinha dito no início, depois o Sr. Primeiro-Ministro irá fazer uma ronda de respostas.

*Protestos do Sr. Jorge Amado (MLSTP/PSD).*

Sr. Deputado, acho que sou eu que estou a conduzir os trabalhos aqui.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Está bom, pronto, se o Sr. Primeiro-Ministro quiser responder, que responda. Se não quiser...

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — O Sr. Presidente nunca disse aqui cinco intervenções, nunca.

**Uma Voz**: — Foi um lapso, admite-se.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Ok. Então, o Presidente deve corrigir. É só isso. Agora, o Presidente está a insistir no erro, tem que corrigir.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI). — Interpelação à Mesa.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Correia.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI). — Sr. Presidente, gostaria de ajudar.

Sras. e Srs. Deputados, é possível que o Sr. Presidente tenha errado no início. Suponhamos que tenha errado, daí que o Sr. Deputado Jorge Amado também excedeu nas cinco perguntas. Deveria reconhecer esse aspecto e ter parado na quinta pergunta, mas fez mais do que cinco perguntas.

Daí, gostaria que o Sr. Presidente decidisse o que faremos. O senhor é de facto o Presidente da Mesa e está a conduzir os trabalhos.

O Sr. **Presidente**: — Gostaria de apelar a todos que não quero mais intervenções nesse sentido, porque acho que é negativo. Viemos cá para fazer um papel positivo e é isso que a população aguarda de nós.

Se calhar, houve um lapso na minha intervenção inicial e, se me permitem, quero corrigir. A ideia é dizer cinco intervenções.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, quero cumprimentar a todos e dizer ao povo de São Tomé e Príncipe que estou cá presente, finalmente.

Quero dizer ao Sr. Presidente que efectivamente estamos a prestar um mau serviço à Nação. Mas, posso dizer-lhe que o senhor é que é o culpado de disto tudo. Se está a conduzir os trabalhos, não deve fazer intervenções, para não criar esse tipo de choque de palavras. Se falhou na sua primeira intervenção, pode corrigir, mas estamos a levantar o véu sobre uma discussão desnecessária, porque pode não haver cinco intervenções. Quem foi que disse que há cinco inscritos? Há inscritos aí?

Havendo uma intervenção com mais de cinco ou seis perguntas, se o Governo assim entender responder, responde. Se o Governo entender que não é necessário responder, também não responde. Não é preciso, necessariamente, haver cinco intervenções, porque não é obrigado haver intervenções.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado pode ter alguma razão, mas gostaria de dizer que coloquei esta questão logo no início, para organizarmos melhor o nosso debate. Só que o lapso foi que, ao invés de intervenção, falei pergunta.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Peço desculpa em interpelar a Mesa por esta razão, mas houve perguntas que foram colocadas, acho que o Sr. Primeiro-Ministro está em condições de responder. Se não há mais perguntas neste momento, os Deputados ficam à espera da resposta do Sr. Primeiro-Ministro, para continuarem a colocar perguntas.

Estou certo de que o Sr. Primeiro-Ministro não é uma biblioteca. Não vai acumular centenas de perguntas depois para responder. Há perguntas suficientes para dar respostas e queremos ter respostas.

O Sr. **Presidente**: — Gostaria de saber da parte do Sr. Primeiro-Ministro se há alguma disponibilidade em responder às perguntas ou se prefere protelar.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**: — Sr. Deputado José Manuel Costa Alegre, em relação à criminalidade, o que é preciso dizer é que em 2015, no geral, a nível da criminalidade, os casos baixaram. Baixaram pouco, mas os números que temos hoje apontam para 3 845 casos, quando tínhamos 3 993 casos, em 2015.

Recrutamos cerca de 50 novos polícias, quanto necessitamos de 250. Hoje temos um sistema de comunicação ao nível da polícia que dá cobertura a São Tomé e Príncipe, o que melhorou bastante a eficácia das intervenções da Polícia Nacional.

Temos mais equipamentos de transporte, fizemos uma série de formações, mas tal como disse durante o meu discurso, os crimes são cada vez mais violentos. Mesmo que reduziram em número, são mais violentos. Daí que muitas vezes chocam mais a opinião pública. Mas estamos a trabalhar e estou convencido que todos esses esforços, nomeadamente maior coordenação entre todas as forças de defesa e segurança irão agir no sentido de diminuir o nível de criminalidade.

Estivemos a fazer algumas melhorias na Cadeia Central, com a construção de novas celas e estamos a pensar poder transferir os delinquentes menores para outras instalações que permitam também uma maior reinserção. É preciso saber que toda gente está misturada na cadeia e é preciso separar, em função do tipo de criminosos que temos.

O trabalho está a ser feito, evidentemente que não é só da parte do Governo, os Tribunais também têm que fazer o seu trabalho, as leis têm que mudar, porque muitas vezes as decisões da justiça, em princípio, são conforme com aquilo que o Código diz e temos que adaptar isso tudo à realidade do nosso país. Daí que insisti também na questão das reformas. É preciso reformar também a lei.

Sim, de facto temos a energia em São João dos Angolares e pensamos que até o final do primeiro trimestre ligaremos Angra-Toldo à rede da EMAE, para que pelo menos até São João dos Angolares toda gente esteja na rede. Depois iremos equacionar Praia Pesqueira, com a possibilidade de ligação com a EMOLVE.

Sr. Deputado Jorge Amado, já foi referenciado aqui que, quando esgotei o meu tempo, foi o seu Grupo Parlamentar, acho até o próprio senhor, que disse que poderia continuar e acabar o discurso.

Saímos todos de casa para virmos cá debater o Estado da Nação e podemos evitar esse tipo de atitudes que frisam a falta de respeito e, sinceramente, estamos cansados disso, sobretudo quando temos que lidar com questões extremamente graves e preocupantes como o Estado da Nação.

Por isso, palavras como aquelas que foram proferidas são perfeitamente desnecessárias. O senhor nos habituou a um estilo, mas acho que é preciso de facto, como tudo na vida, poder evoluir, mudar e mudar para melhor.

O povo de São Tomé e Príncipe é um, mas o senhor não pode seriamente pensar que não existe desigualdade em São Tomé e Príncipe. Existe. Existe quem tem menos e quem tem mais e o grande problema é que a maioria dos são-tomenses, os que têm e os que não têm, quase todos dependem do Estado.

O senhor pode dizer alguma vez que não existe desigualdade a nível salarial em São Tomé e Príncipe? Pessoas que fazem o mesmo trabalho para o estado, uns ganham um montante, outros ganham três, quatro vezes do mesmo montante. Alguém pode dizer que não é verdade?

No nosso país, nem todos os dedos da mão são iguais.

O senhor disse que o Primeiro-Ministro não disse nada. Houve aí toda uma série de processo de intenções e, muito honestamente, não vou perder muito tempo a responder certas coisas aqui. Primeiro, porque há questões antigas. O senhor veio falar das viagens, quando o seu colega, no ano passado, falou de viagens. Sinceramente, tiveram 12 meses para aprender a contar, porque os números já eram errados em 2015 e continuam a ser errados em 2016. É preciso averiguar um pouco mais, para falarmos de facto de questões que fazem sentido. São os valores, os dias de permanência no exterior, etc., etc.

Volto a dizer, no momento de crise financeira internacional, no momento de aperto, em termos de receitas para o Estado, no momento de grande incerteza, na situação económica e financeira de São Tomé e Príncipe e do continente africano, sejamos um pouco mais sérios!

O senhor diz que se comprou cinco geradores velhos. Quais geradores? Estás a falar do Sto. Amaro II, de Bôbô-Forro e dos 14 milhões da linha de crédito de Portugal? Se for disso que está a falar, já discutimos sobejamente esse assunto e a valorização muito melhor que fizemos desse contrato, o que permitiu a extensão da rede, permitiu comprar os três ABC de 2500 Kva e de rotação de 750 por minutos, que eram muito diferentes daqueles dois geradores que tinham sido encomendados, quando chegamos ao poder. Por isso, que estamos perfeitamente tranquilos.

O que sinceramente cansa são as repetições. Quer dizer, o maior surdo é aquele que não quer ouvir. Várias vezes falamos desse assunto, várias vezes falamos do Sto. Amaro e as pessoas trazem sempre o mesmo assunto, quando precisamos avançar.

Se quiserem criticar, vamos criticar, vamos debater as coisas sérias, vamos ao fundo das questões, mas sinceramente essas afirmações não dão boa imagem à nossa democracia. Acho que em São Tomé e Príncipe já estamos no outro nível, no outro patamar, para discutir as questões do País, não dessa maneira, Sr. Deputado.

O povo são-tomense está a nos ouvir, a comunidade internacional está a nos ouvir. O senhor disse que não vai pagar, que não precisa do crédito do Kuwait, 17 milhões para o Hospital Ayres de Menezes, para hemodialise. Meu senhor, oiça, isso é muita irresponsabilidade, quando temos todo interesse em conquistar a comunidade internacional. A primeira vez que o Fundo do Kuwait decide apoiar São Tomé e Príncipe, vem aqui o Líder Parlamentar do MLSTP/PSD dizer que não é verdade, que não existe, que não vai pagar, etc., etc. É muita irresponsabilidade!

*Murmúrios.*

O senhor fala dos títulos de tesouros que não foram pagos. Sob o controlo do Sr. Ministro das Finanças, acho que esses títulos foram pagos...

Protestos do MLSTP/PSD e do PCD.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**:— ...irão ser pagos.

*Risos e aplausos* do MLSTP/PSD e do PCD.

Tenham calma. Têm de ser pagos até o dia 31 de Dezembro. Se não forem pagos no dia 1 de Janeiro, podem bater palmas e fazerem festa. De momento, estamos dentro do prazo. Então, tenham calma.

O senhor falou de barcos que foram destruídos, para poder-se comprar barcos. Não posso responder a isso, porque não sei do que está a falar de facto.

Empréstimo da SONANGOL, etc., etc.

Resumindo, que se queira atacar o Governo, sobretudo o Primeiro-Ministro, tudo bem, mas o que gostaríamos de facto é a contribuição de todos para resolver o problema do povo são-tomense, com muita seriedade.

Aqui e com a vossa benevolência o Governo exprimiu-se, não disse que estava tudo mar de rosas, colocamos problema. Na bancada parlamentar da oposição, muita gente esteve no governo, tem experiência, sabe que nem tudo é mar de rosas. Então, vamos discutir seriamente, vamos discutir o fundo das questões, e é isso que queremos.

Estamos aqui em directo e, como disse, não estamos só em directo para São Tomé e Príncipe, mas estamos em directo para o mundo, porque estamos na web. Então, por favor, se cada um quiser falar, defender a posição do seu grupo parlamentar, defender as suas ideias ou mesmo demonstrar ao mundo que tem capacidade, que é um bom representante do povo, que tem boas ideias e tem alternativas, então que fale.

*Aplausos do ADI.*

E estamos aqui para debater e quem disser uma coisa acertada irei aplaudir. Quem me der uma solução que sirva os interesses do País, vou aproveitá-la.

*Aplausos do ADI.*

O que queremos aqui, todos, é que o povo são-tomense, depois desse debate, saia com um pouco mais de confiança da sua classe política. Que o povo diga que a coisa está difícil, mas o País tem uma classe política à altura do desafio, oposição ou poder. A classe política conhece os problemas, tem divergências, opiniões diferentes, mas está à altura dos desafios.

Essas perguntas que ouvi não resolvem nenhum problema, não trazem absolutamente nada e não é dessa maneira que vamos resolver o problema do povo são-tomense. Não nos deixaremos distrair por esses tipos de intervenções.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Direito de resposta, artigo 158.º.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, apenas para saber em que quadro gostaria de intervir, porque aqui fala de várias questões.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Ponto 6.

O Sr. **Presidente**: — Ponto 6?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sim, sim.

O Sr. **Presidente**: — «O uso da palavra para invocação do Regimento, perguntas à Mesa, requerimentos, recursos e reacções contra ofensas à honra não é considerado nos tempos atribuídos a cada grupo parlamentar».

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Recurso, Sr. Presidente. Recurso, ofensa.

O Sr. **Presidente**: — Vai intervir na qualidade de quê?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Recurso e ofensa.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Ofensa. O homem chamou o homem de surdo.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, na sua intervenção, o senhor não respondeu nada daquilo que foi dito.

Disse que o Deputado está surdo, mas quero dizer-lhe que há cego que não quer ver e que o médico nada pode fazer para lhe fazer ver, porque está cego e não está a entender o que está a passar no País. É preciso que o senhor veja o que está a passar no País e responda, por favor, Sr. Primeiro-Ministro, às questões que coloquei.

Dos 17 milhões de dólares, queremos documentos. Não dissemos que estamos contra. Queremos que o senhor apresente documentos. Somos nós que autorizamos o crédito e não o senhor, primeiro.

Segundo, queremos saber onde é que está os 30 milhões de dólares.

O Sr. **Vasco Guiva** (MLSTP/PSD): — Interpelação à Mesa, Sr. Presidente.  
A rádio não está a transmitir a sessão.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Não está a passar?

**Uma Voz**: — Não está.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Ah, Sr. Presidente, não posso continuar.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, gostaria de apelar à ordem, por favor. Se houver uma falha na transmissão, peço aos serviços para verem. Nós próprios temos que ser disciplinados.

O Sr. Deputado estava a falar e o outro o interrompeu, porque não está a passar na rádio. Não é assim! Vamos disciplinar as nossas intervenções.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Peço ao Sr. Presidente que consulte se a Rádio está a funcionar ou não.

O Sr. **Presidente**: — Estão a me informar que nem houve corte na Rádio. Por amor a Deus!

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Fui informado que houve corte, portanto tinha que parar.

Como eu dizia, há cegos que não querem ver e o Sr. Primeiro-Ministro não quer ver. E se o cego não quer ver, o médico não pode fazer nada.

Quero que o Sr. Primeiro-Ministro responda às questões que coloquei, de 1.3 milhões de euros, sobre 2 milhões de euros, de 30 milhões de dólares. O povo quer saber onde o senhor meteu 30 milhões de dólares. É um pedido de esclarecimento.

*Protestos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, mais uma vez, o que disse no início, vamos ter que abordar as questões com alguma urbanidade e com calma. Não é preciso esse nervosismo todo.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Estou calmo.

O Sr. **Presidente**: — Não estou a ver calma nenhuma, Sr. Deputado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Estou calmo demais.

O Sr. **Presidente**: — Tem palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, boa tarde.

Gostaria, antes de mais, de cumprimentar os novos membros do Governo, que vêm pela primeira vez a esta Casa Parlamentar nestas funções e neste Governo.

Peço à Mesa que conte como uma intervenção, mas não tenho pergunta a fazer ao Governo nesta minha intervenção. Apenas para dizer que, como já foi dito aqui, estamos a prestar um muito mau exemplo...

*Murmúrios.*

...todos nós, Deputados da Nação. Pediu-se esse debate e todo o País está a nos escutar, foi um debate há muito solicitado com o Primeiro-Ministro, que está cá, todo o Governo está cá e deveríamos aproveitar esta oportunidade, porque há muito a oposição vem reclamando que Sua Excelência o Sr. Primeiro-Ministro não vem à Casa Parlamentar.

Gostaria também de pedir à Mesa para dirigir com mais acuidade esta reunião plenária. Pediu-se uma interpelação à Mesa, invocando o artigo 158.º, quando deveria ser o artigo 103.º do Regimento. O artigo 158.º apenas fala do tempo do debate e quando refere ao n.º 6, apenas essa norma quer dizer que nesta intervenção do requerimento não conta o tempo da intervenção.

*Murmúrios.*

O artigo a que se deveria fazer referência é o artigo 103.º, «Reacção contra ofensas à honra ou consideração». É este o artigo que deveria ser invocado. E sobre este artigo, gostaria também de alertar a Mesa, isso é importante, para seguirmos bem os nossos trabalhos. Diz o n.º 3 do artigo 103.º, é melhor até ler o n.º 1.:

«1. Sempre que um Deputado ou membro do Governo considere que foram proferidas expressões ofensivas da sua honra ou consideração pode, para se defender, usar da palavra por tempo não superior a três minutos.»

E diz o n.º3: «O Presidente anota o pedido para a defesa referido no n.º 1, para conceder o uso da palavra e respectivas explicações a seguir ao termo do debate em curso, sem prejuízo de a poder conceder imediatamente, quando considere que as situações especialmente o justificam». Isso quer dizer que o

Presidente não tem que dar a palavra no momento que o deputado pede. Ele pode conceder a palavra depois do debate, a não ser que ele, o Presidente que está a presidir a sessão, considere que esse direito de resposta possa ser dado imediatamente. É isso que gostaria de dizer nesta minha primeira intervenção e pedir a todos os deputados para aproveitar a oportunidade soberana que temos para de facto levantarmos as questões que mais dizem respeito a toda a Nação e que o povo espera de todos nós.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Costa Alegre.

O Sr. **José Manuel Costa Alegre** (ADI): — Esta minha intervenção não é para colocar nenhuma questão ao Governo, mas apenas para fazer um apelo aos colegas Deputados.

Nós aqui somos representantes do povo e acho que devemos agir como tal. Por algumas das nossas intervenções, parece que estamos aqui a brincar. Sinceramente, fico muito triste, muito triste mesmo, porque na altura que tomei posse como Deputado, estava na expectativa de que aqui é um espaço de aprendizagem. Existem Deputados que são Deputados pela primeira vez e deveriam ter este espaço como espaço de aprendizagem, mas muito pelo contrário. Se fizermos uma avaliação disso, não há matéria de aprendizagem.

Por isso, o apelo que faço aos colegas deputados, principalmente os mais velhos, porque ninguém é tão velho para não aprender e nem tão novo para não ensinar, que partilhemos os nossos conhecimentos, para o bem da Nação, porque é o povo que representamos.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, Excelências, boa tarde.

Venho cá, já que pedem para aproveitarmos a presença do Sr. Primeiro-Ministro cá, para pedir encarecidamente ao Sr. Primeiro-Ministro que responda às questões que vou colocar, para que realmente todo o são-tomense possa ter conhecimento de como está a ser feita a gestão do País.

Sr. Primeiro-Ministro, os orçamentos de 2015, 2016, os mais recentes que pude visitar, as leis que aprovam esses dois orçamentos, o Senhor pessoalmente trouxe-as cá, feitas pelo Governo, e aprovamos aqui, obriga que no seu artigo 7.º, se não me engano, todo e qualquer acordo de empréstimo que o Governo queira contrair deve ser trazido para esta Casa Parlamentar, para ser aprovado.

A Lei-quadro da Dívida Pública, proposta do Governo, diz a mesma coisa. Todo e qualquer acordo de empréstimo que o governo queira contrair deve ser trazido para esta Casa Parlamentar, para ser aprovado.

O regulamento da dívida pública, «Estratégia Nacional da Dívida Pública», no seu artigo 25.º, subscrição e formalização do acordo de empréstimo, no seu ponto 3, diz: «Subscrito o acordo de empréstimo, procedese à sua submissão à Assembleia Nacional, para ratificação e subsequente promulgação e publicação em Diário da República».

Sr. Primeiro-Ministro, agora o povo de São Tomé e Príncipe precisa saber. Os 30 milhões de dólares que foram contraídos como empréstimo com um empresário chinês, não conhecemos a cor do papel em que foi assinado o acordo; os 17 milhões com o Fundo koweitiano, que o Sr. Primeiro-Ministro aqui frisou, não conhecemos, até então não passou nesta Casa Parlamentar.

Recordo-me, estávamos ainda em férias parlamentares, que os Deputados foram chamados à pressa, para virem cá aprovar um acordo de 3 milhões de dobras.

Por que é que 30 e 17 milhões não vêm cá para a Assembleia, que só 3 milhões de dólares é que chamaram os Deputados, no período de férias, a correr, para virem cá aprovar.

Sr. Primeiro-Ministro, o povo precisa saber porquê.

A lei é clara nesse aspecto. E se os acordos não vêm cá para a Assembleia, isso só diz uma coisa, o Governo tem estado a violar a lei. O Sr. Primeiro-Ministro tem estado a passar por cima das leis e a governar o País a seu belo prazer.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Felisberto Afonso.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, boa tarde.

Sr. Primeiro-Ministro, gostaria de ter resposta das perguntas que irei colocar.

No âmbito da continuidade do Estado, o seu Governo continuou os projectos elaborados pelo XV Governo, chefiado pelo Dr. Gabriel Costa, e que já tinham financiamento garantido, permitindo a colocação de água e energia à população, mas o povo não vive só de energia. Se um chefe de família não tiver emprego, como é que ele paga a energia?

O seu Governo voltou o País de perna para o ar. O desemprego aumentou como nunca se viu em 40 anos; a juventude está desorientada, homens e mulheres estão sem eira nem beira.

Em Santa Catarina, o posto de saúde não tem medicamentos.

O Sr. Primeiro-Ministro sabe que o desemprego agrava a pobreza, traz fome, miséria, frustração e aumento da criminalidade. Se o Sr. Primeiro-Ministro parasse no País um bocadinho, saberia que uma mãe suicidou-se por não ter comida para dar os filhos.

O seu Governo fala sempre em juventude. Eu, enquanto deputado do povo, com responsabilidade de explicar sem complicar, gostaria de saber, sem truques nem demagogia, qual a alternativa do seu Governo para essa juventude, cujo futuro está mais comprometido do que nunca.

Os nossos irmãos da Região Autónoma do Príncipe viveram a conhecida situação de chuvas torrenciais e cheias. Porque não basta mandar 100 ou 200 milhões de dobras, gostaria de saber o que é feito de concreto pelo Governo da República, para a população da Príncipe, junto aos nossos parceiros, para minimizar as dificuldades daqueles que perderam os seus bens.

Por último, Sr. Primeiro-Ministro, enquanto Chefe do Governo, intitulado deixa andar e salva-se quem puder, tem feito viagens, aliás o senhor vive mais tempo no estrangeiro do que no País, tem que nos dizer quantas viagens fez até agora e, de hoje até o dia 31 de Dezembro, quantas mais irá fazer...

*Risos gerais.*

E que benefício essas viagens trouxeram para o País.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Mais intervenções Srs. Deputados?

Não havendo mais intervenções, vou convidar o Sr. Primeiro-Ministro, para proceder à segunda ronda de respostas.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**:— Sr. Presidente, no que diz respeito às dívidas e os acordos de empréstimo, o mesmo artigo que foi citado diz também que o Governo está autorizado a negociar acordos de empréstimo. Por conseguinte, depois de negociar e concluir, seguindo também as recomendações e não só, diria até as imposições do FMI, com o qual temos um programa, então esses acordos são trazidos à Assembleia Nacional, é esse o procedimento.

Para refrescar a memória, todos os governos, durante todas as sessões parlamentares e até várias legislaturas, temos acordos que ainda estão pendentes, para serem conduzidos para a Assembleia Nacional, para serem ratificados. Alguns deles, até o dinheiro já foi completamente consumado.

*Entretanto, assumiu a presidência o Sr. Vice-Presidente Levy Nazaré.*

Em 2013, assinamos um acordo com Angola, no valor de 40 milhões de dólares, pelo vosso governo.

*Aplausos do ADI.*

O acordo de empréstimo de 40 milhões com Angola, assinado pelo XV Governo, liderado pelo Dr. Gabriel Costa, não veio ao Parlamento. O acordo de 2 milhões de dólares com a Guiné Equatorial, em 2013, também não veio ao Parlamento e era o vosso governo. E esses acordos têm problema, porque não são concessionais. Não sei qual foi o parecer do Gabinete da Dívida nessa altura, mas o dinheiro foi consumido e não veio ao Parlamento.

Mais grave ainda, temos um acordo que ainda não se concluiu as negociações, em 2008. Eu fui Primeiro-Ministro durante 100 dias, não sei se recordam. Assinei, aliás, contrai, negocie, conclui com a Nigéria, um acordo de 30 milhões de dólares, o governo caiu, de 2008 até hoje, o acordo não foi assinado, consumimos o dinheiro e não veio ao Parlamento.

O que eu quero dizer é o que disse no início. Não estou a pedir cada um para varrer frente da sua porta. O que estou a dizer é que temos problemas. Esses acordos, 40 milhões com Angola, 30 milhões com a Nigéria, 2 milhões com a Guiné Equatorial, acho que deve haver 5 milhões com o Gabão, os governos caíram e até agora não vieram ao Parlamento. Muitos desses acordos, o de 40 milhões e o da Guiné Equatorial, representam 42 milhões assinados pelos vossos governos e não vieram ao Parlamento.

Estamos de acordo que devemos fazer esforço, quer o Gabinete da Dívida, quer o actual Governo, quer os Deputados, para resolvermos o problema.

O que é verdade é que, pelo menos na segunda missão de avaliação do FMI, esses acordos e a questão dos 30 milhões, que não são 30, são 10, estão lá no stock da dívida. Nesse caso particular, o Governo assinou com um Fundo chinês, um acordo de empréstimo de 30 milhões de dólares, cujas condições estão dentro daquilo que o FMI preconiza. Simplesmente a operação não foi concluída. Houve 10 milhões que foram transferidos numa conta da Caixa Geral de Depósitos, que é a conta habitual do Banco Central, que transita todos os dinheiros e que, volto a dizer, foi transferido uma primeira tranche que, por razões que têm a ver com a parte chinesa, não concluímos. Mas esses 10 milhões figuram no stock da dívida e quando concluímos esse acordo, como todos os acordos que acabei de assinalar aqui, o procedimento, é verdade,

negoceia-se, conclui-se e traz-se ao Parlamento. Será a mesma coisa com o Fundo do Kuwait. O Fundo do Kuwait foi assinado, aliás foi ratificado aqui. Foi assinado em Malabo durante a Cimeira África – Médio Oriente, com o procedimento normal, as taxas de juro, tudo foi negociado, é do conhecimento do FMI, depois esse acordo terá que vir aqui à Casa Parlamentar. Agora, convenhamos! É preciso olharmos para todos esses acordos que foram assinados e quase a maioria não passou, ainda, pela Casa Parlamentar. Por isso, vamos lá ver, no mínimo, a responsabilidade é de todos.

*Entretanto, reassumiu a presidência o Sr. Presidente, José Diogo.*

Certamente, não é exclusivamente a responsabilidade deste Governo ou deste Primeiro-Ministro. A Nigéria está a pedir-nos o reembolso do dinheiro. Ora, concluímos, os documentos não foram assinados, os termos até não acabaram de serem negociados, porque estávamos numa situação de aflição, a Nigéria transferiu logo os 30 milhões. Foi em 2008, estamos em 2016 e pedem para pagar, mas não sabemos, nem negociámos ainda como é que esse acordo tem que ser pago, mas já consumimos.

Quanto à essa questão, Sr. Deputado, como vê, o Governo não tenciona fugir às perguntas. Queremos é que elas sejam colocadas com urbanidade, para podermos falar e chega-se à conclusão que o problema é profundo, diz respeito a toda gente e que é nosso interesse resolver esses problemas.

Só para esclarecer rapidamente, porque há números que aqui foram ditos que não consigo perceber. No que diz respeito à impressão das dobras, as séries de dobras que imprimimos custam 650 a 750 000 euros. Daí que acho estranho que só o desenho possa custar um milhão e tal de euros. E houve várias impressões, desde o tempo das notas de 100 000 dobras, etc. Estamos entre 650 a 700 000 euros para impressões.

Há bocado, convenci-me de que a questão dos bilhetes do tesouro, de 29 de Novembro, tinham sido resolvidos, mas, como disse, houve uma extensão até o dia 31 de Dezembro, tal como fizemos no ano passado, porque a emissão dos bilhetes do tesouro que correm para todo ano têm que ser pagos, e serão pagos com os recursos de apoio orçamental do Banco Mundial e da União Europeia. Daí que os Bancos foram informados desse atraso, que já não é do nosso lado, mas está confirmado, são recursos certos do Banco Mundial e da União Europeia que, logo ao entrarem, servirão para pagar os bilhetes do tesouro da banca privada.

Volto a dizer que a questão da juventude é uma prioridade, não é um *slogan*, mas sempre disse que a nível da juventude temos desafios, quer em termos de formação, quer em termos do Sector da Educação, bolsas de estudo, etc., etc. Temos desafios. Conhecendo os jovens e conhecendo o País que temos, que é maioritariamente jovem, quero afirmar que o nosso engajamento é total, em função das condições que vivemos, para poder de facto resolver o problema da juventude.

O desemprego existe, os dados do Ministério apontam para 13,6%, mas essa questão tem que ser resolvida, sobretudo pela criação de postos de trabalho, numa economia produtiva.

Há bocado, no meu discurso, frisei que de 2013 até 2016 foram cerca de 2000 novos postos de trabalho na Administração Pública. São despesas para o Orçamento Geral do Estado. Teríamos preferido criar 2000 postos de trabalho no sector produtivo: na indústria, na agricultura, nas pescas, mas para isso é preciso que o País continue também a se preparar melhor e seja mais atractivo para o investimento. Também descrevi no meu discurso todas as medidas que estamos a tomar para aumentar a atractividade do País ao investimento directo, quer nacional quer estrangeiro.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, mais uma ronda de intervenções.  
Tem a palavra o Sr. Deputado António Barros.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Boa tarde Sr. Presidente, boa tarde a todos.

Sr. Primeiro-Ministro, preocupado já estava com o actual Estado da Nação, mas fico agora mais preocupado, quando constato que o Sr. Primeiro-ministro e Chefe do Governo não sabia se o País tinha pago ou não as dívidas do título do tesouro. Isto prova que de facto é um Primeiro-Ministro muito ausente.

Sr. Primeiro-Ministro, já o meu Líder tinha dito isto e eu volto a dizer, o Sr. Primeiro-Ministro vem, fala muito, mas não responde nada. Peço desculpa por isso, mas é uma verdade.

Vou colocar-lhe algumas questões que o meu Líder parlamentar já tinha colocado e peço ao Sr. Primeiro-Ministro o favor de registar, para não se esquecer, porque se calhar doutra vez esqueceu.

Sobre os barcos, participei aqui na discussão do OGE e, como sempre, levantei a questão da ligação marítima para o Príncipe e os navios para transportes com segurança das pessoas. No entanto, o Sr. Primeiro-Ministro aqui não foi capaz de anunciar que iam chegar cinco navios. Eu pelo menos não ouvi isso. Também não estavam orçamentados, os cinco barcos que chegaram ao País. Daí que volto a fazer a pergunta. Sr. Primeiro-Ministro, de onde vieram os navios, os Catamarães e outros barcos de patrulha? Quanto custaram os navios? Quem financiou a compra desses navios? Quem é o dono desses navios? Está em nome de quem? É uma questão de coerência, Sr. Primeiro-ministro. Normalmente o Sr. Primeiro-Ministro tem fugido às questões, mas essa vou dar-lhe uma dica. Se o senhor não responder, o povo lá fora vai concluir que o negócio é sujo, porque se for um negócio limpo, o Sr. Primeiro-Ministro não terá

dificuldade em esclarecer. O Estado tem regras. Se um cidadão compra uma motorizada, está lá o polícia de trânsito para o parar e exigir o registo de propriedade. Perfeitamente normal, e isso também tem que acontecer com as coisas do Estado. Por isso, Sr. Primeiro-ministro, fico à espera que o senhor venha responder: quanto custou, quem financiou, de onde veio e em nome de quem estão os navios.

Outra pergunta a fazer-lhe, Sr. Primeiro-Ministro, é que o barco de patrulha que o Sr. Primeiro-Ministro fez a entrega oficial no Príncipe desapareceu. Simplesmente não está no Príncipe e eu também gostaria de saber o paradeiro desse barco de patrulha.

Muito obrigado.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, antes de mais gostaria de agradecer pela coerência que teve em responder aqui às questões que foram colocadas, mas o Sr. Primeiro-Ministro, ao responder às perguntas que foram colocadas, de certa forma me atribuiu alguma razão. O Sr. Primeiro-Ministro veio cá confirmar que todo e qualquer acordo deve passar pela Assembleia. Realmente, agora, não entendo, se me recordo, o último acordo que veio cá para ser ratificado com o Fundo Africano, se não me engano, de 3 milhões, não houve nenhuma transferência ainda para o País. E o Sr. Primeiro-Ministro disse aqui que dos 30 milhões de dólares, 10 milhões já foram transferidos para o tesouro público, e o acordo não veio cá para a Assembleia, para ser ratificado. Digamos que a Assembleia rejeite o acordo, como é que fica? No meu entender, a lei diz, sim, que o Governo negocia e conclui o acordo, mas antes de receber o dinheiro, o acordo deve ser ratificado pelos Deputados, promulgado pelo Presidente da República e publicado no *Diário da República*. Agora, receber o dinheiro, usar o dinheiro, sem antes ratificar o acordo? É uma questão de coerência!

O Sr. Primeiro-Ministro falou aqui de vários acordos, de vários empréstimos e fez referência a todos eles do ano 2013, mais ainda de 2008, mas o Regulamento da Dívida Pública que tenho em mãos é de 2014. Quer dizer que os procedimentos anteriores a 2014 não sujeitam a esse Regulamento. Estou a falar dos acordos vigentes. Agora, o Sr. Primeiro-Ministro foi eleito pelo povo e prometeu fazer o melhor. Não prometeu em insistir em cometer erros. Portanto, não entendo, como é que um Chefe do Governo que prometeu e fala todos os dias de transparência, de boa governação, vem justificar que o governo anterior fez, que o governo anterior cometeu erros. Não, o senhor não foi eleito para voltar a cometer erros. A sua conduta deve pautar em fazer melhor e sempre melhor. Portanto, vir justificar os seus erros actuais com os erros passados, eu não entendo.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José António Miguel.

O Sr. **José António Miguel** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco, Sras. e Srs. Deputados, boa tarde.

Depois de ouvir a intervenção do Sr. Primeiro-Ministro, sobretudo no que concerne ao Estado da Nação, fiquei com uma preocupação, porque quando se diz que o Primeiro-Ministro e Chefe do Governo está a viajar muito, eu gostaria de lhe dizer, depois do Estado da Nação que o senhor fez, acho que o senhor deve viajar sim. Se o senhor ficar sentado e não sair à procura de solução, digamos à procura de meios para resolver o problema da população, aí, sim, é que é mau. Devo dizer-lhe que muitas pessoas com certeza não vão ficar satisfeitas com essa sua dinâmica, porque se essas pessoas estivessem a sentir essa dinâmica, esse Estado da Nação que o senhor fez hoje seria completamente diferente. Por isso, seria completamente diferente se aquelas pessoas que hoje criticam o Governo, que o Sr. Primeiro-Ministro viaja, tivessem de facto feito a sua parte, se tivessem dado a sua contribuição, com certeza que o Estado da Nação seria outro.

Sr. Primeiro-Ministro, também na sua intervenção, recordo que disse que nós, os políticos, devemos estar à altura e fez-me lembrar uma situação que se passou aqui neste país, que de facto deu para perceber. Um político são-tomense, com alguma reputação, posso assim dizer, dizia a um outro político que ele tinha muita altura, mas que não estava à altura dos destinos. Isso leva-me a perceber que o Sr. Primeiro-Ministro é uma pessoa que não tem muita altura, por sinal, mas está à altura do desafio de São Tomé e Príncipe.

*Aplausos do ADI.*

Gostaria de ir de facto para a questão que me traz aqui, a minha pergunta. Tenho duas questões para colocar. A primeira tem a ver com a questão do atraso no pagamento do salário. O Sr. Primeiro-Ministro já chefiou o governo, o que nos tem transparecido é que de facto tem feito esforços e continua a fazer, mas neste momento tem havido de facto atraso ao nível dos salários, porque tenho a certeza absoluta que o Governo não está a pagar o salário atrasado porque quer, mas com certeza deverá haver uma explicação

para essa situação. Acho que o povo, sobretudo os funcionários públicos, gostariam que o Sr. Primeiro-Ministro desse uma explicação técnica, para as pessoas perceberem o que é que se passa.

Outra situação tem a ver com do décimo terceiro mês. O senhor sabe que de algum tempo a esta parte tem-se pago o décimo terceiro mês, embora não seja lei, mas tem sido prática. Daí que com certeza, volto a dizer, deve haver uma explicação para o facto de o Governo não ter conseguido pagar o décimo terceiro mês.

Gostaria que o Sr. Primeiro-Ministro desse uma explicação a essa situação, se faz favor.  
Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, volto cá para insistir na resposta que eu pretendo obter de si. Na sua intervenção, o Sr. Primeiro-Ministro falou dos empréstimos dos governos anteriores, o senhor já esteve no poder, o senhor é tripetente e sabe muito bem o que é estar no poder e sabe como é que se faz um empréstimo. O Sr. Primeiro-Ministro, se sabe que os governos anteriores cometeram alguns erros, processa-os, mas hoje o senhor tem que responder por si. Não estamos cá para falar do governo anterior. Se cometeram erros, processa-os. O senhor está cá para governar, prometeu fazer a diferença, então faça a diferença. Processa-os. Queremos que eles vão ao Tribunal e respondam por suas acções.

Sr. Primeiro-Ministro, estou a falar deste acordo de empréstimo de 30 milhões de dólares. Queremos saber onde está 30 milhões de dólares e quem contraiu. O acordo está feito numa folha de papel timbrado de São Tomé e Príncipe, quando nenhum acordo é feito assim. Nenhum acordo é feito no papel da República que vai fazer o empréstimo.

Segundo, quem assinou o acordo foi o Ministro das Finanças e assinou como prestador. O Ministro das Finanças é que deu o dinheiro emprestado e quem deu o dinheiro emprestado não tem referência, não conhecemos, está cá assinado como quem recebeu. Quem foi que recebeu e quem foi que emprestou? Onde estão os 30 milhões, onde está a cidade administrativa e as residências, cuja referência deveria ser utilizado esse valor, desde Julho de 2015? Onde está o dinheiro? É a resposta que pretendo obter.

Falamos de cinco barcos, Sr. Primeiro-Ministro, que vêm em seu nome. São de São Tomé e Príncipe ou seus? Onde estão esses barcos? Porquê que esses barcos estão a fazer negócio em Libreville? Esse dinheiro entra nos cofres do Estado ou no seu bolso. Porquê que estão lá os militares de São Tomé e Príncipe? Os militares são seus patrimónios? Os militares vão conduzir barcos para fazer negócios? Os militares são para guardar a costa são-tomense, não para fazer negócios. Quem lhe autorizou? Para saírem, tinham que ser autorizados pela Assembleia Nacional. O senhor não tem nenhuma autoridade de mandar os militares, no barco, para irem fazer negócios.

Está aí a justificação, Sr. Primeiro-Ministro.

Portanto, queremos que o senhor apresente aqui o esclarecimento, em função daquilo que estamos a solicitar.

Os tempos são outros, então, o senhor também tem que mudar. O senhor não muda? O senhor tem que mudar. O senhor está a delapidar os fundos públicos. Mudou? O País está em saque. Mudou? Portanto, o senhor muda!

*Murmúrios.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Cotú, para a sua intervenção.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Caros Ministros, Sras. e Srs. Deputados, boa tarde.

Tenho algumas preocupações, na sequência daquilo que foi a intervenção do Sr. Primeiro-Ministro. Como disse o Sr. Primeiro-Ministro que gostaria de receber contribuições, gostaria de deixar já a palavra do meu grupo parlamentar de que no momento da discussão do Orçamento teremos contribuições, mas hoje estamos aqui para falar sobre o País, durante este ano. E uma das coisas que tenho como preocupação, Sr. Primeiro-Ministro, tem a ver com o relatório que nos foi apresentado aqui na Assembleia pela UNICEF, onde aponta que 70,4% das crianças no nosso país vivem numa situação de pobreza. É assustador, é muito preocupante! Neste sentido, Sr. Primeiro-Ministro, que resposta tem para a Nação? O que o senhor tem feito? O que o senhor pretende fazer para contornar os efeitos dessa taxa junto à nossa população?

Outra questão, Sr. Primeiro-Ministro, tem a ver com a situação da protecção social. Disse que conseguiram aumentar em 20% o valor do Programa Mães Carentes. Cumprimento-lhe por isso, mas é também verdade que há 6 meses que o Governo não tem atribuído subsídios às mães que estão no programa. Sendo assim, ao nosso ver, nem adiantava aumentar 20%. Que pagasse o valor que existe.

Outra preocupação tem a ver com o Grupo de Interesse e Manutenção de Estradas (GIME). Há 4 meses que GIME não recebe salários. Pais de famílias! E para complicar, já receberam uma carta, anunciando que a partir do dia 1 de Janeiro estarão todos no desemprego. O que fazer face a isso, Sr. Primeiro-Ministro?

Outro aspecto que é para nós muito importante tem a ver com as consequências que o atraso do pagamento do salário na Função Pública tem trazido para os funcionários que têm empréstimos junto aos bancos. Na data acordada, os bancos descontam e remetem ao juro e, por causa do Governo, os funcionários acabam sendo lesados. Será que teremos garantias de que a partir do próximo ano económico as coisas vão alterar, Sr. Primeiro-Ministro?

A última minha preocupação, pelo menos nessa ronda, tem a ver com a questão da juventude. Prestei a atenção e fiquei espantado com uma coisa. Tenho acompanhado muito as suas intervenções, claro em virtude da função que desempenho e, pela primeira vez, ouvi no seu discurso apenas quatro vezes menção a juventude, Sr. Primeiro-Ministro. Preocupou-me, porque realmente a juventude vive momentos terríveis, índice de desemprego elevadíssimo e falta de perspectiva. Portanto, gostaria que o Sr. Primeiro-Ministro nos dissesse, porque a juventude quer ouvir, o que é que concretamente será feito para que a juventude possa libertar-se dessa mazela que é o desemprego. Eles precisam organizar as suas vidas, precisam organizar a vida das suas famílias.

Portanto, Sr. Primeiro-Ministro, são essas as preocupações que trago, por enquanto.  
Muito obrigado.

*Aplausos do MLSTP/PSD e PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Correia.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, Caras e Caros Colegas Deputados, boa tarde.

Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, sejam bem-vindos a esta Casa, principalmente quando se trata de debate sobre o Estado da Nação.

Srs. Colegas, digníssimos Deputados com quem tenho a honra de conviver, principalmente nesta Legislatura, e de aprender alguma coisa, mas ainda falta muito para poder chegar ao vosso patamar.

Não trago em concreto nenhuma pergunta para o elenco governamental, mas depois de ter ouvido a intervenção de Sua Excelência o Sr. Primeiro-Ministro e, com muita atenção, pude aperceber-me de que a Nação tem de facto dado passos, só que ainda não são passos visíveis.

*Risos do MLSTP/PSD.*

Mas das tarefas que nós aqui, com muita atenção ouvimos, podemos concluir que este Governo de facto tem um norte.

Queria reflectir com Vossas Excelências, andando um pouco para trás. Não gosto de fazer isso, porque sou daqueles fizeram mal, cometeram erros, mas às vezes é preciso que andemos um bocado para trás. Em 1975, peço desculpas, não vou ofender a ninguém, com todo o respeito que tenho Vossas Excelências, inclusive as pessoas são mais velhas do que eu, que lutaram pela conquista deste país como independente, mas, na minha opinião, este país precisa de novas opções, novas direcções e precisamos de não cometer os mesmos erros que cometemos no passado. Não estava dentro, mas estou a me incluir com Vossas Excelências, porque posso ser vosso filho. Muitos aqui podem ser meu pai.

Hoje, ouvindo o Sr. Primeiro-Ministro, sabendo do Programa do XVI Governo, fico à vontade, pelo menos até que o outro me diga que estou errado, mas neste momento, pelo que já passei e pelo que já vive neste país, acho que este país precisa de um rumo e nós os são-tomenses, políticos, cidadãos, estrangeiros que vivem cá connosco, temos que entender que precisamos de outro rumo.

Pergunto a Vossas Excelências, o que fizemos no País desde 1975, quando tomamos o País do colono, que hoje dá dinheiro? Qual é a infra-estrutura que temos no nosso país que dá dinheiro para pagar salários e dar emprego aos nossos concidadãos?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — ROSEMA.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Nenhuma, Sr. Deputado. ROSEMA é ínfima. O Sr. Deputado sabe que o orçamento é suportado, hoje em dia, em noventa e tal por cento por dinheiro estrangeiro? O senhor diz que a ROSEMA nos sustenta. Por amor de Deus!

Srs. Deputados, não falo de forma a ofender ninguém, mas têm que entender que precisamos mudar. Vou dar só um exemplo, Sr. Deputado. Nos anos 80, salvo erro, decidimos que os chineses fizessem isso que está aqui. E hoje pergunto, o Palácio dos Congressos, que com toda a dignidade também precisávamos, foi opção na altura, mas dá ao país algum dinheiro para pagar salários aos cidadãos? Onde é que dá? Não sou contra o Palácio, Srs. Deputados. O que estou a dizer é que se na altura disséssemos aos chineses para fazerem um aeroporto, um porto, que dão dinheiro, trazem turistas, aí as opções seriam outras e hoje estaríamos a falar não em noventa e tal por cento de orçamento que vem do estrangeiro, mas sim de como melhorar a gestão das infra-estruturas que devíamos ter no nosso país.

Quem fala disso fala de outras coisas, mas não vos condeno, Srs. Deputados. O que vos peço é que ajudem o Governo a dizer ao povo que tenha um pouco de paciência...

*Risos do MLSTP/PSD.*

...porque este Governo tem uma política de transformação do País, de forma que daqui há 40 anos não fiquemos sem nada que nos possa dar dinheiro.

É disso que estou a falar, Sr. Deputado. Falo disso porque ouvi o Sr. Primeiro-Ministro falar de infra-estruturas pesadas para o País. Temos que as ter. Srs. Deputados, não temos nada que renda algum dinheiro, precisamos mudar de política, para que daqui há 40 anos os nossos filhos não venham nos condenar.

Peço aos Srs. Deputados que possamos, com dignidade, escutar este Governo, ouvir as políticas e ajudar. Hoje está este Governo no poder, amanhã pode estar outro e o que este governo fizer, também irá servir a outro governo, e por aí fora.

Sobre os valores, o Sr. Primeiro-Ministro falou aqui e fez as contas, dá cerca de 60% do nosso orçamento. Das verbas que os anteriores governos foram pedindo de empréstimo, das dívidas...

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Quais?

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — ...da Nigéria e por aí fora, e com alguma ilegalidade, mas também não vos condeno, Srs. Deputados. Se calhar andaram no momento de aprendizagem, mas estamos a dizer que iremos pôr os pontos nos is e cumprir a lei.

Srs. Deputados, quero que façam uma reflexão, que possamos...

*Murmúrios.*

Sr. Deputado, também falo sobre si. Aqui não somos santos nenhuns...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Não.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — ...mas temos que ter dignidade para apoiar o que estiver bom, para irmos em frente.

Sr. Primeiro-Ministro, vos encorajo, temos que apostar sim, e não se faz essas coisas de um dia para outro, criar infra-estruturas pesadas neste país, para que possam nos servir, para que não estejamos outra vez nesta figura em que estamos.

O Sr. **Presidente**: — Terminamos a terceira ronda de questões e, neste sentido, gostaria de convidar o Sr. Primeiro-Ministro, no sentido de dar resposta a essas questões.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**: — A questão levantada pelo Sr. Deputado José António Miguel, ligada ao atraso no pagamento dos salários e outras questões levantadas, acho, pelo Sr. Deputado Danilson Cotú, como todos sabem, temos tido dificuldade na arrecadação de receitas, para poder fazer como fizemos durante 2 anos, com o pagamento atempado dos salários.

Expliquei a situação económica, a conjuntura, os problemas das receitas, as dificuldades em termos da divisa, pouca transferência dos fundos por parte dos doadores, isso tudo evidentemente que afecta a situação do País, quando temos que preparar os salários. Enquanto os níveis de arrecadação antigamente permitiam, a partir do dia 20, que pudéssemos pagar, hoje muitas vezes temos que esperar e no fim do mês a arrecadação ainda não é suficiente para se pagar. Daí que certamente notarão também que o salário a nível da Educação é o que leva a maioria do dinheiro. Temos que saber a quem pagar primeiro, de modo a resolver essa situação de pagamento de salários, mas não temos conseguido, nesses últimos meses, pagar atempadamente. Mas em termos de comparação internacional, quero dizer que há países que estão em situação muito pior que São Tomé e Príncipe. É preciso vermos isso. Países com outros tipos de recursos, que nós não temos, mas que de facto têm situações de salários em atraso muito mais gravosas.

O que é que o Governo fez? Para este mês de Dezembro, chegamos a um acordo com os bancos, porque sabem que os salários dos funcionários estão lá e, mediante um *spread* negociado, os bancos, como disse mesmo os preços têm bastante liquidez, adiantaram os pagamentos, já que estamos na quadra festiva, para que as pessoas não tivessem esse constrangimento de esperar depois do Natal, para completarmos o pagamento dos salários. É o que foi feito.

Pensamos que a partir de Janeiro estaremos um pouco mais a vontade, em termos de gestão de tesouraria.

O décimo terceiro mês, com todas essas situações, não nos era possível pagar, como era habitual. O que fizemos foi dar uma espécie de gratificação a todos os funcionários públicos e, tal como dissemos, algumas instituições, algumas empresas para-públicas, tinham no seu estatuto o pagamento de décimo

terceiro e pagaram. Mas quero avisar que vamos rever o estatuto dessas empresas, para que isso não volte a acontecer. Os Srs. Deputados sabem perfeitamente que outras instituições autónomas pagaram também o décimo terceiro. Daí que digo que não somos todos iguais. Os Deputados receberam o décimo terceiro, os funcionários, infelizmente, não vão poder receber.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD). — Está no nosso orçamento.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**: — O que quero dizer é que todo esforço está a ser feito para estabilizar a situação a partir do próximo ano, 2017.

A questão da juventude está presente em tudo. Somos um país jovem e toda as acções têm a ver com a juventude, mas o problema principal é a questão do desemprego e também foi dito que sem uma economia a crescer é muito difícil resolvermos o problema do desemprego.

Insistimos sobre a questão da formação, também para que o desemprego e a criação de novos postos de trabalho estejam associados a alguma qualificação para melhor emprego. Toda uma série de medidas foram tomadas e vão nesse sentido. Vou só citar uma, para as pessoas perceberem como é que as coisas deveriam funcionar. Sabemos que para as empresas investirem precisam de incentivos e demos incentivos. Sabemos que há zonas do nosso país em extrema pobreza e a nível do IRC baixamos e demos mais incentivos ainda nas zonas de maior pobreza. Essas zonas especiais são todos os distritos e a Região Autónoma, excepto Águia Grande e Mé-Zóchi.

Sabemos que não há crescimento económico, não há investimento sem energia, estamos a pôr energia em todos os cantos do País. Isso tudo deve sortir efeitos, nomeadamente em termos de investimento directo e, necessariamente, em termos de criação de postos de trabalho.

Protecção Social. É verdade que alguns sectores, como disse, estão a sofrer atrasos, mas a Protecção Social já teve mais meses de prestação em atraso. Quero dizer que temos estado a recuperar, houve altura em que teve 8 meses de prestação em atraso e fomos amortizando essas dívidas para com esses sectores sociais.

O GIME, não são 4 meses, são 2 meses, os dois últimos meses. Conseguimos pagar 2 meses e faltam 2 e em Janeiro, como habitualmente, fazemos novas contratações. Não quer dizer que as pessoas irão para a rua.

A questão que voltou sobre a ratificação dos acordos, a Lei é de 2014, não existe também vazio neste domínio. A própria Lei Orçamental, antes de 2014, já previa a necessidade de ratificação dos acordos de crédito.

Quanto aos barcos, temos dois catamarans, três barcos vedetas rápidas, todos inscritos no IMAP como propriedade do Ministério da Defesa e da Administração Interna. São, por conseguinte, propriedades das Forças de Defesa. Um dos catamarans está a prestar serviço numa ligação no Gabão, porque por de facto necessitamos de uma fonte de rendimento para manter os dois barcos. Os dois catamarans eram demasiados para ligação ao Príncipe. A manutenção custa dinheiro, daí que há um acordo com o Ministério da Defesa para a prestação de serviço de ligação entre Port-Gentil e Libreville, cujos proveitos servem para a manutenção dos navios. Sim, tão simples como isso!

O que é preciso ver é que esses materiais são pertença do Ministério da Defesa, vieram em contrapartida de um acordo para um investimento que inclui a *China International Found e*, como disse, a empresa conheceu problemas e está a ser reestruturada, para depois concluirmos todos esses acordos, quer o acordo de empréstimo, quer o acordo de investimento que previam e que, em contrapartida, recebemos esses equipamentos para o Ministério da Defesa.

A UNICEF e os 70.4% do relatório, acho que já me exprimi, quando houve esse relatório, porque achei os números bastante elevados. Como sabem, os programas estão em curso com a UNICEF, temos que ver quais são os parâmetros que são tomados em consideração, para chegarmos a números tão elevados. Contudo, a protecção da criança tem sido a política do Governo, temos estado a adoptar todos os instrumentos legais internacionais, no sentido de proteger a criança, mas direi ao Sr. Deputado que, nesta altura, pouco mais posso dizer quanto à questão desse número em relação à situação das crianças.

Agradeço a vossa atenção.

*Murmúrios de uma voz.*

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, registo o seu pedido, depois lhe darei a palavra. Está no Regimento, mas não quer dizer que é imediato. A Mesa registou e quando for a altura lhe daremos a palavra.

*Aplausos do ADI.*

Para o seu esclarecimento, consulte o artigo 103.º, ponto 3.

Gostaria de partilhar alguma informação com os Srs. Deputados. Já lá vão quase 4 horas que estamos aqui sentados. Inicialmente, a nível da Mesa, já tínhamos proposto fazer um pequeno intervalo, porque

entendo que 4 horas de discussão é um pouco pesado. Sugiro que façamos um intervalo de meia hora e retomaremos imediatamente.

*Murmúrios.*

Srs. Deputados, estou a ser lógico. Sei que em 15 minutos os Deputados não estarão de regresso, mas em 30 minutos acredito que sim, tendo em conta outras necessidades que as pessoas poderão ter. Aproveitem esta oportunidade para poderem rapidamente atender às essas necessidades, depois retomaremos o nosso debate sobre o estado da Nação.

É esta a proposta que gostaria de fazer.

Se o Sr. Deputado me permite, depois lhe darei a palavra.

**Uma Voz:** — *Falou com o microfone desligado.*

O Sr. **Presidente:** — Sr. Deputado, disse-lhe para consultar o Regimento. São regras regimentais que temos, está escrito.

Os senhores querem 15 minutos, mas acho que 30 minutos serão o suficiente. Conheço esta Casa Parlamentar e sei 15 minutos não são nada.

Srs. Deputados, vamos interromper os trabalhos.

*Eram 17 horas e 45 minutos.*

Srs. Deputados, está reaberta a sessão.

*Eram 18 horas e 16 minutos.*

Vamos dar continuidade aos nossos trabalhos e convido o Sr. Deputado António Barros, para fazer uso da palavra.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, é lamentável só agora me estar a dar a palavra, para fazer uma interpelação à Mesa.

Estou ultrapassado, muito obrigado.

O Sr. **Presidente:** — Vamos continuar, está aberta de novo a ronda de perguntas. Srs. Deputados que têm questões a colocar, o favor de se pronunciarem.

Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — obrigado Sr. Presidente. Sr. Primeiro-Ministro, volto cá para colocar mais algumas questões, levantar mais algumas preocupações, das quais vou agradecer a sua explicação.

O Sr. Primeiro-Ministro teria falado, na sua intervenção inicial, da oferta de pratos quentes a crianças no Ensino Básico. Pelas informações que tenho, a cifra que o senhor mencionou não cobriu sequer a metade do ano e parece que, neste momento, as crianças do Ensino Básico estão sem merenda escolar. Gostaria de algum esclarecimento com relação a isso.

Outra questão, Sr. Primeiro-Ministro, ouvi aqui palmas, quando o senhor falou do relatório do FMI e fiquei, de certa forma, meio confuso, porque me recorro de conhecimento público que, em Junho, houve uma missão do FMI que esteve cá no País, apresentou um relatório e disse taxativamente que São Tomé e Príncipe atingiu o nível de superendividamento e que não havia condições para contrair mais dívidas. Inclusive chamou atenção do Governo de que havia mesmo uma derrapagem financeira. Foi este o termo, se não me engano, que se tornou público, por causa de algumas despesas que foram feitas fora do quadro orçamental. Gostaria que o Sr. Primeiro-Ministro viesse cá explicar quais foram essas despesas, para se calhar justificar o novo relatório que foi aqui bastante aplaudido.

A última questão que quero colocar aqui tem a ver com a questão da energia. O Sr. Primeiro-Ministro tem falado muito da energia, houve deputados que falaram aqui da energia, felicitaram-lhe, mas, Sr. Primeiro-Ministro, devo dizer-lhe que o senhor foi eleito para fazer, aliás o senhor prometeu fazer muito mais, e o senhor não é o único Primeiro-Ministro que faz.

Pergunto, quem que colocou energia em Nova Linda? Foi o Governo do ADI? Quem colocou energia em Mato Cana? Foi o Governo do ADI? Quem colocou energia em Algés? Foi o Governo do ADI? Portanto. O Governo é eleito para fazer para o povo e não para estar a exhibir todos os dias que fez, fez, fez.

**Vozes do ADI:** — Oh...

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — ...é obrigação do Governo fazer. O Governo foi eleito para fazer, não para estar a cobrar do povo, porque fez.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Meus senhores, estamos em pleno debate parlamentar. Eu já disse e repito, vamos intervir com alguma elevação, porque as pessoas estão a acompanhar-nos lá fora e estamos a deixar a imagem de que estamos a prestar um péssimo debate.

Portanto, apelaria para nos contermos, com tolerância, com alguma elevação na nossa intervenção, para sairmos bem na fita.

Tem a palavra a Sra. Deputada Maria das Neves.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco, Sras. e Srs. Deputados boa tarde.

Sr. Primeiro-Ministro, quer no seu programa, quer nas grandes opções do plano, o senhor dizia que tem três acções prioritárias, portanto, tem a resolução de três problemas: o desemprego, que afecta uma larga camada da população; elevado custo de vida, que atinge de forma dramática as populações mais vulneráveis; e a desigualdade social, que tende a aumentar. Que balanço é que o senhor faz dessas três acções? Vemos o País e, como foi aqui constatado, o desemprego está a aumentar, o custo de vida está a aumentar e o senhor ainda teve a coragem de, numa das suas saídas, em pleno aeroporto, com os sorrisos nos dentes, anunciar ao povo são-tomense que vai ter que apertar cintos, porque a pouca água que está pingar ainda na torneira, o senhor vai ter que fechar. Que tristeza, Sr. Primeiro-Ministro, que tristeza!

O senhor aqui, nesta augusta Assembleia, ainda este ano, disse que já tinha 98% do financiamento para o seu Orçamento. Como é que se explica que o senhor venha hoje dizer que só conseguiu realizar 45%? Na altura, o senhor já sabia que estávamos num contexto de crise económica internacional, já sabia que os nossos parceiros reduziram consideravelmente a ajuda pública ao desenvolvimento e já sabia também que o investimento directo estrangeiro também foi reduzido consideravelmente. Como é que o senhor explica essas acções?

Pelo contrário, a economia que o senhor previa que deveria crescer em 5%, agora diz que só cresceu em 4%. A inflação, que tem havido um esforço para poder diminuir, agora o Governo anuncia que a inflação deste ano aumentou em relação ao período homólogo do ano passado.

Sr. Primeiro-Ministro, *STP in London* foi um nado morto. Nasceu com uma taxa de mortalidade tão elevada que, mal nasceu, morreu...

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

...a prova é que não teve qualquer impacto na economia. O crescimento da economia baixou de 5% para 4%. O senhor não acha?

Utilizou 500 000 euros em viagem, que perfaz STD 12 250 000 000 00 (doze biliões, duzentos e cinquenta milhões de dobras), para levar 100 pessoas para Londres, para fazer lá o quórum, fazer o *show off*, encher a plateia, para se dizer que houve muitos investidores na conferência, resultado zero. Com esse valor, podia-se pagar o GIME, podia-se pagar o décimo terceiro, podia-se pagar os doentes que estão em Portugal a passar mal e podia-se comprar medicamentos para aliviar o sofrimento de muitos são-tomenses.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Sr. Primeiro-Ministro, o Sr. Presidente da República, mal chegou, assinou o decreto para a reforma monetária. Uma reforma monetária que é profunda. Uma reforma monetária em que se vai eliminar três zeros da nossa moeda. As pessoas que hoje recebem 1 milhão de dobras, vão passar a receber 1000 dobras. As pessoas que hoje recebem 3 milhões de dobras, vão passar a receber 3000 dobras. Vai-se eliminar três zeros na moeda.

*Murmúrios.*

Srs. Deputados, quando quiserem falar, façam uso da palavra.

Não acha que isso é uma reflexão que deveria passar por esta Casa Parlamentar? Não acha que os representantes do povo deveriam ter uma palavra a dizer sobre isso?

Como é que se faz uma reforma monetária no gabinete do Sr. Primeiro-Ministro, sem que a Assembleia Nacional se pronuncie.

Sr. Primeiro-Ministro, os economistas têm por hábito fazer a análise de custo/benefício, antes de tomarem qualquer decisão. Dizem que o senhor é economista, será que tem feito a análise de custo/benefício das suas viagens? Quanto é que custam as suas viagens para este pobre país e quais são os benefícios reais que essas viagens têm trazido para os cofres do Estado? Sr. Primeiro-ministro, o País espera de si resposta a essas questões.

O senhor disse aqui, e eu fiquei escandalizada, que tem um barco em Libreville que está a trabalhar e produz receita para pagar a manutenção dos barcos. Mas quem está a controlar isso? Em que conta do

Estado é que cai essas receitas. Que relatório é que se tem da execução dessas receitas? Como é que é? Sr. Primeiro-Ministro, exigimos respostas sobre essas questões, porque o povo precisa saber.

O senhor disse aqui que não há emprego e que está a fazer um esforço para garantir o emprego. E o senhor falou durante 45 minutos, mas não fez referência a um projecto estruturante de grande envergadura que é o porto em águas profundas. O que é que aconteceu com o porto? Morreu? Queremos saber, porque o porto em águas profundas poderá ajudar muito a criar emprego.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, mais intervenções? Até agora só tivemos duas intervenções, do Sr. Deputado Gil Costa e da Sra. Deputada Maria das Neves. Esta é a 4.ª ronda.

*Murmúrios.*

Sr. Deputado, essa é a sua opinião, respeito-a, mas não é para incomodar toda gente. Não havendo mais questões, convidaria o Sr. Primeiro-Ministro para responder a essas questões ora colocadas, para avançarmos rapidamente. O tempo está se esgotando aos poucos.

Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**: — Sr. Presidente, queria assinalar que durante a pausa o Governo não teve direito a lanche, nem a água. Não sei se é uma represália da Assembleia Nacional, mas parece que somos todos são-tomenses. Uns tiveram direito a lanche e outros não. Mas enfim.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, se me permite, é só para dar uma explicação.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**: — Não, não, Sr. Presidente, era só uma brincadeira para descontraír.

O Sr. **Presidente**: — Pois está bom, porque foi um lapso dos serviços da Assembleia.

*Risos gerais.*

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**: — Sr. Presidente, alguma dieta faz bem, então acho que os Srs. Deputados me querem bem.

Sr. Deputado Gil Costa, no que diz respeito ao relatório do FMI, só esse relatório que o diz em Setembro. É muito provável, porque o relatório e toda gente reconhece que a execução orçamental teve altos e baixos, durante todos este ano. Nós somos uma economia muito pequena e muitas vezes um factor, num sentido ou no outro, pode perturbar o resultado.

O que é importante dizer é que em Setembro, embora todas essas dificuldades, o FMI considera que o desempenho é razoável, mas também alerta para corrigirmos um certo número de coisas.

Quanto à questão da dívida, o País mais endividado do mundo é Estados Unidos da América e é também a primeira economia mundial. Quer dizer que o que é fundamental é o rácio entre a dívida e o produto interno bruto. Vamos sempre ter que nos endividar, mas para podermos endividar mais e melhor, temos que fazer crescer também o produto interno bruto. Enquanto o produto interno bruto não crescer, estaremos limitados em contrair dívidas, mas é uma realidade que precisamos de dívida, para o nosso desenvolvimento. Daí que é preciso trabalhar no aumento da produção. Isso é que é o nosso grande desafio. Através do aumento da produção, todo o resto vem e vem também a possibilidade de contrairmos mais dívidas, que precisamos para o nosso desenvolvimento. Não há nenhum país do mundo que cresce sem dívida. Agora, o que é preciso é que a dívida sirva também para fazer crescer a economia e o produto interno bruto. Que não sirva só para financiar gastos improdutivos. Daí que também eu disse que temos que ser prudentes. Há sempre riscos, basta uma acção qualquer para que de novo o FMI venha e encontra a situação a degradar-se. Daí que temos que estar muito vigilantes nas acções que estamos a fazer, mas, repito, sem dívidas não haverá também o desenvolvimento do País.

As refeições e os números são exactos. São 4.6 milhões refeições. Para toda gente que sabe, temos cerca de 46, 47 000 crianças e, fazendo as contas, tirando Sábado e Domingo, feriados, etc. há um gap nas refeições. E esse gap é devido ao momento em que quisemos entregar as questões das refeições ao concurso, com empresas nacionais privadas. Houve algum atraso nessas empresas em mobilizar a entrega de bens e serviços para a alimentação. Daí que demos os números, não quer dizer que todos os dias todas as crianças de São Tomé e Príncipe tiveram direito a refeições quentes. Fizemos 4.6 milhões, ponderados por esses factores que anunciei.

Sr. Deputado, acho que não vale a pena debater sobre a questão da energia, pois é de reconhecimento geral que se fez muito ao nível da energia.

*Aplausos do ADI.*

Não digo que os outros governos não fizeram nada, mas nos últimos 2 anos houve uma investida no domínio da energia. Bom, pode ser e de certeza que é uma emoção, porque poderíamos ter resolvido outros problemas, mas em termos de opção preferimos concentrar-nos na energia, porque acreditamos que depois de resolver o problema da energia os outros problemas poderão ser atendidos.

Na nossa economia, não podemos fazer tudo ao mesmo tempo, tem que haver uma sequência. A nossa opção foi a energia e provavelmente há maior visibilidade neste domínio e menor visibilidade noutros domínios.

Quanto a outras perguntas, Sra. Deputada Maria das Neves, de facto as pessoas não vão passar a receber 1000 dobras. Quem que está com 100 000 dobras, não é por causa da mudança do valor facial que vai passar a receber de 1000 dobras. Minha senhora, isso não é correcto, porque as pessoas lá fora estão a pensar que vão perder o seu poder de compra, e a senhora sabe disso, quando fala. Então, aviso a toda gente que não é verdade aquilo que a Sra. Maria das Neves andou cá a dizer. Agora, o que é preciso ver é, quando falamos de financiamento garantido, é financiamento garantido. Aliás, este ano, qual foi o maior problema? Foi os doadores multilaterais, que são considerados sempre financiamento garantido. Salvo Taiwan, todos os outros não desembolsaram ao nível que queríamos.

Portugal também é considerado financiamento garantido, mas tivemos 9 meses sem acordo com Portugal e até hoje o acordo foi assinado, mas os projectos ainda não foram aprovados. São 12 meses sem fundo de Portugal, que sempre também consideramos um fundo garantido. Daí que as oscilações a nível da economia mundial têm reflexos na nossa economia. E, como digo, reflexos que todos estamos a sentir. Quando falamos, por exemplo, da mobilização extraordinária, que avancei alguns números desde 2013, é para além da usual ajuda, nomeadamente orçamental, que os países, na maioria deles africanos, andaram a prestar ao nosso país. Como vêm, passamos, nesse capítulo, de 23 milhões, no ano passado, para quase 5 milhões, neste ano. É um grande buraco, que se traduziu em uma fraca execução, mas mesmo assim poderia ter sido pior, porque estamos com 45% de execução, com uma diferença dessas contribuições, porque passamos de 23 milhões, em 2015, para 5 milhões, em 2016. Daí que eu diria que não se pode tudo prever e, este ano, reconhecemos desde o início, foi um ano extremamente difícil, mas considero que os resultados alcançados, mesmo assim, resultaram de um grande esforço e muito trabalho por parte do Governo.

Crescimento 4% em vez de 5%. Não se vai resolver o problema de desemprego com 5 ou 6%. As nossas economias têm que ser sempre acima de 7%, para que se mexa um bocadinho o com desemprego. Na Europa, com 2% estão felizes. Nós, enquanto não chegarmos a 7%, não resolvemos os problemas.

Se a inflação é boa ou má, o que notamos é que houve duas situações. Primeiro, a sesta básica que prometíamos fazer, o cálculo da inflação foi alterada. Expliquei, houve métodos de cálculos que foram alterados. Por exemplo, um pão era contabilizado antigamente como uma unidade. Hoje é o peso. Então, mesmo na análise da inflação, estaremos um pouco mais certos daquilo que estamos a fazer a partir dos cálculos do próximo ano, porque a sesta alterou. Contudo, notamos que a inflação era sobretudo puxada para cima pelos produtos nacionais. Os produtos importados praticamente não variaram. Daí que o esforço para melhorar a produção nacional tem sido feito, através dos programas do Ministério da Agricultura e através de grande esforço ao nível da irrigação, mas infelizmente temos que reconhecer que a situação de roubos nas zonas rurais tem continuado a desencorajar os agricultores.

Se o *STP in London* morreu ou nasceu morto, eu não sei. O que sei é que os retornos que temos são positivos, ainda há dias tivemos uma reunião com o PNUD, para fazermos mais uma avaliação da questão do *STP in*. Vai chegar um consultor para coordenar tudo que foi feito ao nível do *STP in* e, por conseguinte, acho que devemos todos estar orgulhosos do *STP in*. Aliás, hoje, todos os países do mundo e nomeadamente os países africanos organizam eventos no modelo do *STP in*. Todos. Não há nenhum mês que não há um país africano que faz a promoção para caçar exactamente a atenção, quer da comunidade internacional, dos doadores, quer dos investidores privados.

O mundo mudou. O mundo é um mundo moderno, trabalha-se de outra maneira, as dinâmicas são outras e é preciso que as pessoas vivam no mundo actual. Só assim é que conseguiremos o melhor futuro para São Tomé e Príncipe.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Vou abrir a 5.<sup>a</sup> ronda de perguntas, mais antes disso gostaria de dar a palavra à Sra. Deputada Maria das Neves, para fazer a sua consideração, em relação à defesa da honra.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, o senhor disse aqui que eu menti, por ter dito que se vai reduzir o valor da dobra. Não é preciso fazer muitas contas, Sr. Primeiro-Ministro. Se o senhor está a fazer uma reforma monetária em que tem uma nova dobra, se reduzir três zeros nessa moeda, três vão cair, faça as contas, Sr. Primeiro-Ministro.

Sr. Primeiro-Ministro, várias questões foram levantadas e o senhor está a ignorar as respostas. Só pode ser mesmo num país de faz de conta é que se pode ter um primeiro-ministro de faz de conta.

Só quero pedir a São Tomé Poderoso e Santo António que protejam o povo de São Tomé e Príncipe contra as suas manobras e ciladas.

Bem-haja, Sr. Primeiro-Ministro.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Convido o Sr. Deputado António Barros, para a sua intervenção.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, se volto aqui é porque o senhor não respondeu a algumas questões que coloquei.

O barco de patrulha desapareceu do Príncipe e é necessário explicar, se o Primeiro-Ministro deu com uma mão e tomou com a outra ou se foi parar em *Port-Gentil*, porque sabe quem sofre com isso? O povo pequeno, pescadores. Vão para o mar e perdem e a Guarda Costeira não tem uma embarcação. Por isso quero que o senhor venha cá explicar onde é que foi o barco de patrulha que desapareceu do Príncipe.

Uma outra questão. O Sr. Primeiro-Ministro constantemente está na rádio e na televisão, fala muito de boa governação, de transparência, de luta contra corrupção. Em nome da boa governação, em nome da transparência, mais uma vez lhe peço para vir cá nos informar donde vieram os barcos, dois catamarãs e dois de patrulhas, quanto custaram os barcos e quem financiou a compra desses barcos.

E por último, Sr. Primeiro-Ministro, o povo pequeno vai passar um Natal muito mal. Bem, não há décimo terceiro como habitual, mas é necessário o povo saber porquê não há décimo terceiro. Bom, não há décimo terceiro, mas se calhar se o Sr. Primeiro-Ministro tivesse viajado menos, teríamos a possibilidade de dar o décimo terceiro. Do meu ponto de vista, o dinheiro do décimo terceiro foi gasto nas viagens e bom o senhor ter em conta que o povo pequeno vai passar um Natal muito mal.

Ultimamente, o Sr. Primeiro-Ministro saiu para um périplo, ficou lá e mês, e pediu aos são-tomenses para apertarem o cinto, quando o senhor foi lá alargar o cinto. Isto não é coerência.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Maquengo, para colocar a sua questão.

O Sr. **Fernando Maquengo** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Ministros, boa noite.

Sr. Primeiro-Ministro, o País vive uma situação gritante, é preciso dizer isso. Alegou cá vários aspectos, nomeadamente a conjuntura económica internacional, mas é uma conjuntura que já vem de uns anos a esta parte, não aconteceu agora. Quando aprovou cá o Orçamento, talvez não teve em conta esta conjuntura e agora alega esses factos. Mas o que eu cá queria referir é que hoje, ainda na sua intervenção, fez um apelo a uma mudança radical nos comportamentos, estou a parafrasear o seu discurso, mas infelizmente não sinto esta mudança. Eu pelo menos não a sinto e creio que o povo pequeno também não sente essa mudança.

*Murmúrios.*

Não, é a linguagem que tem sido usada. Se é populismo, não sei.

Eu queria aqui falar também de um assunto que o Sr. Primeiro-Ministro focou na sua intervenção, a fuga da divisa, através de mecanismos informais. Isto é grave! Um governo que se preze, que tem todos mecanismos de controlo das fronteiras e todo resto, tem que tomar medidas para efectivamente estancar essa situação. Mas não é só fuga, e aí é que está o problema. Também há entrada, por mecanismos informais de divisas e temos prova disso. Daí que eu gostaria que o Sr. Primeiro-Ministro viesse cá nos dizer que medidas o Governo tem de adoptar ou tem adoptado, para efectivamente pôr cobro a essa situação, porque não é em vão que estamos a passar por essa situação. Alguma coisa que está a acontecer de errado. Neste país, as pessoas ainda não gritam e põem a mão na cabeça, porque efectivamente ainda temos a fruta-pão, a matabala, a banana, a jaca, muitos frutos sazonais, e em quantidade, e temos um clima que favorece. Se não, Sr. Primeiro-Ministro, a situação é gritante. Falo disso, porque ando de lés-a-lés, neste país, e sinto o sofrimento deste povo. O desemprego está a aumentar, a pobreza está a aumentar. Portanto, existem factores subjacentes a essa situação.

Acho que a questão da fuga e a entrada de capitais sem controlo do Estado pode estar, sim, na origem desse problema. Daí que espero de si medidas e mecanismos.

O Sr. **Presidente**: — Bem, antes de continuar, gostaria de informar sobre o tempo que resta a cada uma das bancadas. Portanto, o ADI tem 76 minutos e 46 segundos; o MLSTP/PSD tem 15 minutos e 19 segundos; o PCD tem 25 segundos; o Deputado do UDD tem 1 minuto e 51 segundos e o Governo tem 47 minutos. Portanto, já sabem que a alguns que já não têm muito tempo.

Fui informado que o MLSTP/PSD sede ao PCD 2 minuto. Neste sentido, tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Cotú, para a sua intervenção.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sr. Primeiro-Ministro, venho agora para intervir e falar sobre a questão de estradas.

No período das campanhas eleitorais, o Sr. Primeiro-Ministro lançou algumas obras, nomeadamente a estrada de Boa Morte a Oque-del-rei; Palha a Margarida Manuel; Micondó a Santana, e até o momento, passando todos esses meses, as obras não tiveram início.

Estive a reflectir e não quero acreditar que o Sr. Primeiro-Ministro tenha lançado essas obras exclusivamente pensando nos votos. Daí que gostaria de ouvir do Sr. Primeiro-Ministro, o quê dessas obras. Já deveriam estar numa fase bem avançadas, mas tal não acontece.

Outro aspecto que me trás aqui, Sr. Primeiro-Ministro, e porque eu não podia deixar de falar, é que os meus amigos de Santa Margarida, que o senhor muitas vezes foi visitar, pediram-me que perguntasse ao senhor o que é feito das estradas de Santa Cruz, Santa Margarida e Otótó. Na altura, o senhor disse que 1 Km de estrada não era nada, palavra dos jovens de Santa Margarida. E já se passou todo esse tempo, Sr. Primeiro-Ministro, 1 Km de estrada não arrancou, e povo de Santa Margarida está a pedir clemência, para tratar desse assunto.

Outro aspecto, para terminar, Sr. Primeiro-Ministro, tem a ver com o caso do desemprego da SATOCAU. Não ouvi de si nenhuma palavra em relação a isto. O que é que o Governo esta a fazer para ajudar a esses jovens, a essas pessoas, pais de família, que estão desempregados...

**Uma voz:** — E HBD.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — ... e HBD, obrigado, para saírem dessa situação de desemprego? Sr. Primeiro-Ministro, não conhecendo o posicionamento do Governo, fica já o apelo...

O Sr. **Presidente:** — Apenas para dizer ao Sr. Deputado que já não tem tempo. Pediu 2 minutos.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sangue de Cristo!

O MLSTP/PSD deu-me 1 minuto.

Para terminar mesmo, gostaria de apelar, no sentido de se aproveitar as terras que a SATOCAU vai entregar ao Governo, para loteá-las e dividir para essas famílias, para esses trabalhadores, de modo que eles possam ter a garantia do seu pão.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente:** — O Sr. Deputado tem mais 2 segundos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Felisberto Afonso. Apenas para informá-lo que só tem 1 minuto e 51 segundos.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Sr. Primeiro-Ministro, não vou alongar muito, porque tenho pouco tempo.

Eu queria dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que sabemos que o mercado é livre hoje, mas terá que ter limite. Cada um não pode estar a fazer o que quer, desta tal forma. Pelo preço das mercadorias, Sr. Primeiro-Ministro, este povo não vai aguentar. O senhor não pode deixar o País à sua sorte. Tem que estar em cima dos acontecimentos. Apesar de o mercado ser livre hoje, terá que ter limite.

Hoje, Sr. Primeiro-Ministro, cada um está a fazer o que quer e este povo está a chorar com razão. Posso dizer-lhe, Sr. Primeiro-Ministro, que o seu Governo perdeu autonomia. O senhor terá que estar em cima dos acontecimentos.

Por último, Sr. Primeiro-Ministro, quero sair deste debate esclarecido, terei que sair esclarecido. Houve uma crítica contra o Sr. Primeiro-Ministro. O Presidente do MLSTP/PSD disse que o Sr. Primeiro-Ministro deve-lhe 200 000 dólares da empresa dele e eu queria que senhor viesse cá esclarecer, para acabar com isso de uma vez para sempre. Hoje temos que sair esclarecidos e nunca mais vou falar nisto, porque o que eu discuto não volto a falar. Eu queria que o Sr. Primeiro-Ministro desse uma explicação sobre isso.

Muito obrigado

O Sr. **Presidente:** — Gostaria de convidar o Sr. Primeiro-Ministro a dar respostas às preocupações levantadas.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo:** — Em relação ao barco de patrulha que está na Região Autónoma do Príncipe, esse barco tem um problema electrónico e foi trazido para São Tomé, para que o técnico que vem do estrangeiro possa resolver a questão, e acho que deve chegar dentro de dias. Depois de concertar, o barco regressará à Região Autónoma do Príncipe. O barco não desapareceu e está na Guarda Costeira com o problema de JPS a ser resolvido. Mas acho que essa informação, com um pouco de boa vontade, podia ser obtida e não é grande problema.

Já falei dos barcos, em que condições, e por isso não há barcos pagos, não há preços, não há absolutamente nada. Se os barcos foram disponibilizados dentro de uma negociação, por um acordo, já

disse que a outra parte está a atravessar algumas dificuldades, retomaremos essas negociações e logo depois os barcos serão registados como propriedade de São Tomé e Príncipe. Não custavam e não vão custar dinheiro ao erário público.

A mudança radical de comportamentos tem que ter lugar a vários níveis. Sabemos qual é o problema da Administração Pública, sabemos que neste país muitas coisas giram à volta do Orçamento Geral do Estado e, por conseguinte, quando falamos de mudança radical do comportamento, são vários os sectores da sociedade que têm que participar nessa mudança radical de comportamentos. E como muitas vezes não é de livre vontade que as pessoas mudam de comportamento, temos que reforçar as nossas instituições, nomeadamente o Tribunal de Contas, os Tribunais, a sociedade civil em geral, etc., etc., para que as pessoas possam de facto mudar de comportamento. Mas eu apelo sempre a que também haja muita responsabilidade.

Quanto à questão das divisas, foi dito aqui que demos conta da situação de escassez de divisa e falei daquilo que foi o fenómeno que todos os comerciantes sabem. Tínhamos, por exemplo, cimento que vinha exclusivamente de certa parte do mundo, mas agora temos cimento que vem também de Angola. Enfim, desenvolveu-se aí um circuito comercial, que entendemos bem e que o tempo de reacção do Governo não podia ser de antecipação, foi realmente um tempo de reacção. Aconteceram as coisas e começamos a tentar corrigir, quer através de maior controlo nas fronteiras, na busca de equipamento que pudessem de facto verificar melhor a entrada e a saída das pessoas e registar melhor as pessoas, etc., mas, como digo, pôr um polícia atrás de cada pessoa não serve. O que é preciso são reformas estruturais, que a própria economia comece a funcionar melhor, para podermos fazer face a essa situação de divisa.

Frisei um outro aspecto que é também importante na escassez de divisa. Na cobertura cambial, em 2016, temos mais ou menos 24 ou 25 milhões de dólares. À ENCO, atribuímos 12 milhões de dólares, quer dizer que os bancos comerciais também tiveram menos divisa e a partir daí, quando há menos divisa, desenvolve sempre um sistema de mercado paralelo para o negócio da divisa. Que fique claro, como disse no meu discurso, com esses 12 milhões, a ENCO importa produtos, não duplicou a importação, mas assumo que provavelmente a ENCO, com essa cobertura cambial, pagou alguma dívida que temos em relação a Angola. Angola também está a sofrer o problema de divisa e, por isso, boa parte dessa divisa foi reencaminhada para Angola. Então, são esses problemas que tivemos que enfrentar, situações que não eram, de todas as maneiras, previsíveis e fomos ajustando a nossa política económica à conjuntura.

Quanto ao desemprego, de facto existe, estamos no terreno e sabemos na realidade que existe desemprego.

Falei de 13,6 ou 13,7%, mas não temos realmente um instrumento fiável. 13,6 ou 13,7%. Eu gostaria de voltar a frisar esse aspecto. Não temos um instrumento seguro para dizer, hoje, quanto é que é. Temos fontes de 2012, temos algumas fontes, mas não temos hoje, o que é também o desemprego. Devemos continuar a trabalhar para que tenhamos um instrumento de medida que realmente nos explique o que é o desemprego. Ao nível das finanças, como eu disse, estamos com nove mil, cento e cinquenta, mais ou menos, funcionários. Estávamos com sete mil e poucos funcionários em 2012, salvo erro. Então, há pessoas que encontraram emprego, mas quantas pessoas estão à busca de emprego. A sensação que temos é de desemprego, mas para a política de emprego temos que perceber. Se estamos a pôr as pessoas na função pública com todos os problemas que temos na administração pública, a produtividade, assiduidade, de regalias, etc., etc., são recursos que são desviados de outros sectores produtivos da economia. Então, creio que a questão de desemprego tem que ser estudada de uma maneira mais fina, porque não é só encontrar emprego, é ter um emprego que pesa menos no Orçamento Geral do Estado e cria mais riqueza.

A estrada de Santa Margarida e outras que ficaram por fazer, salvo acontecimento imprevisível, este Governo tem 4 anos e a conjuntura leva-nos, como expliquei, a algumas dificuldades.

Sr. Deputado, pode ter a certeza de que farei tudo para que em 2018 tudo que prometemos seja, maioritariamente, cumprido.

*Aplausos do ADI.*

Acho que num país como o nosso, que depende muito de variáveis externas etc., devemos olhar para 4 anos e faremos as contas, em 2018, das realizações deste Governo, na base dum programa, que é de 4 anos, que foi apresentado aqui na Assembleia.

SATOCOA, não há desemprego. As pessoas não foram despedidas e estamos num processo de negociação. O Ministério mais a SATOCOA estão a ver a saída que podemos ter ao nível da SATOCOA. Por isso, não há despedimentos.

Ouvi a proposta que fez e é uma das propostas que estamos a trabalhar. Quero dizer que é preciso ter algum cuidado na distribuição de terras, porque nem todos os agricultores têm a mesma motivação para o trabalho. Temos outras estruturas como cooperativas, médios empresários, temos outros modelos ligados a micro finanças que estivemos a estudar, daí que é um dossiê que ainda está aberto.

Falou-se de HBD, é evidente que constitui uma preocupação ao nível da Região Autónoma do Príncipe, e não só. Sabem que a Região Autónoma do Príncipe, em matéria de turismo de qualidade, é uma região

hoje de referência, com alguns empreendimentos. Estamos a seguir a questão e estamos sempre disponíveis a perceber o que é que o investidor precisa, para continuar a desenvolver as suas actividades.

O Sr. Deputado Felisberto falou de mercado livre. Aquela outra questão, eu não vou aqui falar. Se a pessoa veio aqui falar, é da sua responsabilidade, não me meto nisso.

*Risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Os senhores estão aqui a gargalhadas, estou habitado a tudo isso. Volto a dizer que quero que o País e a política seja uma coisa séria. Tudo não pode servir na política, por favor. Pelos vistos, utilizar isso nunca tem funcionado e estou cá como Primeiro-Ministro. Nunca tem funcionado e então é preciso mudar de estratégias ao nível da política.

O Sr. Deputado falou de mercado livre, eu não sou um adepto do mercado livre a 100%, não sou. Temos uma economia muito pequena e vamos fazer algumas reformas ao nível do sector comercial, para acabar com a liberalização excessiva. Uma das coisas é que somos um país aberto, disse isso aqui, mas ao nível de comércio vamos fechar o comércio aos estrangeiros, a não ser que o investimento seja de um certo nível. As pessoas poderão dizer que há o liberalismo, mas esta é a nossa decisão. Temos que dar prioridade ao nacional a nível do comércio. Se o estrangeiro vier investir 5 milhões, não em linha de crédito, mas em edifício, etc., tudo bem, mas a baixo disso, não daremos mais autorização ao estrangeiro, para abrir uma tasca aqui na esquina e fazer concorrência aos nacionais.

*Aplausos do ADI.*

A recapitalização dos comerciantes nacionais é uma questão também que estamos a equacionar, porque hoje sabemos qual é a situação dos comerciantes nacionais, em termos de capital. Sabemos qual é a situação com os bancos e estamos a equacionar. Por conseguinte, estamos inspirados pelo pragmatismo, não pelo dogmatismo. Sempre disse que há coisas que temos que abrir e há coisas que temos que fechar. Há coisas que temos que privatizar e há coisas que temos que nacionalizar e o que importa é o interesse dos são-tomenses.

O Sr. **Presidente**: — Abro mais uma ronda de intervenções. Sras. e Srs. Deputados, é a sexta ronda ou o sexto ciclo. Até agora, só escreveu o Sr. Deputado Iazalde Rita.

Tem a palavra o Sr. Deputado Iazalde Rita.

O Sr. **Iazalde Rita** (MLSTP/PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, na verdade, desde que o conheci, só passa a vender sonhos para povo são-tomense. Só vende sonho ao povo são-tomense e já chega de vender sonhos.

Sr. Primeiro-Ministro, recorde-me de quando o senhor disse que é um sangue novo, cheio de sucos. Se o senhor é um sangue novo cheio de sucos, eu esperava mais desse sangue novo cheio de sucos.

Se olharmos agora para o País, o senhor tem problemas com o pagamento de salários, aliás o senhor que é um economista com problemas. A economia que o senhor faz não é suficiente para resolver os problemas do País.

Sr. Primeiro-Ministro, o senhor está cá para responder às questões, mas desvia muitas questões e o povo que está lá em casa, aquele jovem que apostou no senhor não entende nada que o senhor está aqui a falar. O senhor chega e tenta virar todas as questões.

Sr. Primeiro-Ministro, o que queremos é que chegue cá e responda às questões com causas. Não tente desviar, buscar processos que não foram aqui colocados.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Beatriz Azevedo.

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco governamental, Caros Deputados e Deputadas desta Casa Parlamentar, boa noite.

Sr. Primeiro-Ministro, venho aqui para dar-lhe os parabéns pela energia que vi em Angolares...

*Aplausos do ADI.*

...essa energia que hoje, das 7 horas até as 13 horas e 25 minutos, quando saí de Angolares, não havia.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Sr. Primeiro-Ministro, tomo palavra para fazer algumas...

*Murmúrios do Sr. Deputado Carlos Correia (ADI).*

Sr. Deputado, se eu fosse o senhor não faria o uso da palavra nesta Casa Parlamentar...

*Protestos do ADI.*

...ele está a me interromper. O Sr. Deputado que anda aí na comunicação social a utilizar aquilo que não deve, coisa que deve ser feita às escondidas, é melhor não meter. O Sr. Deputado devia se o último a fazer intervenção aqui ou nem faria, porque o cargo que ocupa...

O Sr. **Presidente**: — Peço alguma ordem. Gostaria de fazer um apelo a todos os Deputados aqui presentes. Peço alguma ordem.

A Sra. Deputada está a intervir, vamos calmamente escutar ou ouvir aquilo que ela tem a dizer e depois, se for necessário tomar a palavra, peça por favor que estou aqui para dar.

A Sra. Deputada pode intervir.

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — O Sr. Primeiro-Ministro falou muito bem daquilo que é a sua política para a educação e a saúde, e acompanhei atentamente.

Sr. Primeiro-Ministro, a nível da educação, foi descontado aos pais das crianças, no momento da matrícula, o valor da merenda escolar e até hoje, o primeiro período já está no fim, nem prato quente nem prato frio se tem dado nas escolas.

Sr. Primeiro-Ministro, gostaria que explicasse como é que tem sido feito o pagamento de bolsas, a nível interno e nível externo, porque não está ser feito como devia ser. Não sei se o senhor sabe que os alunos que já terminaram 12.º ano de escolaridade, que entraram para as universidades e que estão inscritos para receberem bolsas internas não recebem. Gostaria dizer-lhe, nesta Casa que é a Assembleia, que algumas universidades estão a tomar a medida de colocar os jovens na rua, enquanto não se pagar a propina.

Sr. Primeiro-Ministro, o que tem feito com a sua deslocação daria para fazer muitas coisas, pelo menos gastos a nível da educação. Há muitas escolas em que as casas de banho não funcionam.

O Sr. Primeiro-Ministro falou, numa das suas intervenções no Aeroporto, que algumas torneiras estão a pingar, mas eu diria o contrário. Essas torneiras da parte do Sr. Primeiro-Ministro estão avariadas. A água está a correr só, que nem está a dar mais para fechar essas torneiras.

Sr. Primeiro-Ministro, eu gostaria de perguntar se essa transmissão em directo é só para hoje ou se vai continuar no futuro. Caso continue, quero dar-lhe parabéns, porque pelo menos quando é em directo não há censura, o povo está lá a ver.

Muito obrigado.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Bondoso, para a sua intervenção.

O Sr. **Jorge Bondoso** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e o seu elenco, Caros Deputados e Caras Deputadas, muito boa noite.

Sr. Primeiro-Ministro, trago aqui uma preocupação. Não gosto de falar, mas está é uma preocupação. Admira-me quando as pessoas dizem «sou deputado», «sou deputada». Sr. Primeiro-Ministro, a partir de hoje, nessa data em que estamos, tem que tomar medidas sérias contra o roubo da energia neste país. Deputado com a energia em casa roubada. Deputada com energia roubada e vem a esta augusta Assembleia falar de energia, de seriedade, de tanta coisa. Devíamos ter vergonha na cara.

**Uma voz do MLSTP/PSD**: — Mas está com energia roubada em casa?

O Sr. **Jorge Bondoso** (ADI): — Sr. Deputado, tenha calma, pois o senhor vai saber já, porque vou deixar cá.

Há bocado ouvi que o Deputado não devia tomar a palavra nesta augusta Assembleia, mas também há deputada que não devia tomar a palavra nesta augusta Assembleia, porque está a desviar a energia e isso é roubo. A EMAE apanhou com fraude de energia.

Era só isso e, para terminar, deixo a prova.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Correia, para sua intervenção.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sr. Presidente, Caras e Caros Deputados, gostaria de encorajar o nosso Primeiro-Ministro. Ouvi aqui alguns deputados falarem muito de viagem e gostaria de perguntar aos Srs. Deputados, num país como o nosso que é formado por duas ilhas, se o Sr. Primeiro-Ministro não viajar, qual seria a solução? Vossas Excelências têm alternativas? Qual é a outra alternativa? Um país que não tem

recursos, um país que os governos precisam usar as suas diplomacias, os seus conhecimentos para ir buscar dinheiro. Sr. Primeiro-Ministro, da minha parte e da parte daqueles são-tomenses que eu sei que estão a sofrer hoje, porque não fizemos o básico em 1975, para mim o Sr. viaja e traz dinheiro sim. Viaja e traga dinheiro para os santomenses!

Agora, Srs. Deputados, as nossas viagens, que não trazem nada, sim, terão que parar, travar imediatamente. Agora, o Governo que vai viajar, usar a sua diplomacia, para trazer recursos, viaja sim, Sr. Primeiro-Ministro, que povo vai entender como entendeu em 1975, quando tínhamos um economista à cabeça do nosso país, que já sabia que o cacau estava em baixa e mesmo assim não apresentou alternativas ao país. Isso, sim, temos que falar. E era economista formado em Alemanha. Portanto, Srs. Deputados, convenhamos! Temos que mudar de paradigma. Erramos e erramos muito, mas agora temos que mudar.

Srs. Deputados, Sra. Deputada Beatriz, eu, Deputado Carlos Correia, ando de cara levantada, independentemente dos meus erros. Ando de cara levantada e sabe porquê? Porque não devo a ninguém neste país. Devo sim a este povo que me tem aqui para os representar, acreditando neste indivíduo, neste nosso Primeiro-Ministro.

Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Tendo em conta que já houve um conjunto de perguntas, passaria agora a palavra ao Sr. Primeiro-Ministro, para responder às questões.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Protesto, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, indique no Regimento onde está...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Artigo 104.º, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Não. O artigo 104.º fala de ofensa pessoal.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Protesto.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, tem a palavra.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Protesto, protesto, protesto.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, indique no artigo 104.º onde diga aquela questão...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Artigo 104.º.

O Sr. **Presidente**: — Qual é a alínea?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Está aí.

O Sr. **Presidente**: — Não. Diz-me a alínea.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Está na sua presença.

O Sr. **Presidente**: — Ao colocar a questão, o senhor tem que me dizer tudo. Então, diga-me que alínea.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — É 104.º.

O Sr. **Presidente**: — Veja qual é a alínea. Há três ou quatro alíneas.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Artigo 104.º, ponto 1, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, cite-me o artigo, por favor.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Já citei. Artigo 104.º, ponto 1.

O Sr. **Presidente**: — Mas pode citar.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — O Sr. Presidente pode ler.

O Sr. **Presidente**: — Eu não vejo bem. «Por cada Grupo Parlamentar e sobre a mesma intervenção, apenas é permitido um protesto.» Sr. Deputado, dou-lhe a palavra.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Obrigado Sr. Presidente.

Ouvi a intervenção do último Deputado, falando de 1975, do primeiro Presidente da República e etc.

Gostaria de fazer o Sr. Deputado saber que nós, o MLSTP/PSD, não nos envergonhamos do nosso passado.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Assumimos o nosso passado com a cabeça levantada, fizemos o que pudemos fazer e por esta razão muitos dos senhores estão cá formados hoje.

Agora, podemos falar do ADI, um partido que nasceu na base do contrabando de drogas...

*Protestos do ADI.*

...sim senhor, sim senhor...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — ...deixem-me falar, depois vocês respondem. Quem fala o quer, ouve o que não quer. Vou esclarecer e os senhores respondam se quiserem; vão protestar, se quiserem.

Quando em...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, Sr. Deputado Jorge Amado...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — ...em 1992/1993, se prendeu os primeiros dirigentes do ADI com droga em São Tomé, foram detidos pela PIC, levados ao Tribunal e este, sob orientação do Presidente da República, disse que São Tomé e Príncipe não tem lei contra a droga. Libertou-os com todos os seus bens, carros novos emplastificados, computadores novos emplastificados, materiais de venda de drogas. Esse partido, ao ser fundado, a primeira acção foi o contrabando de drogas. Perguntem à PIC e aos Tribunais, que têm lá o caso, como isso foi. Os senhores são novos, é evidente que não têm culpa disso, mas «quem dorme com cão, levanta com cinza».

*Protestos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d'Oliveira, também para contra protesto.

O Sr. **Abnildo d'Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, venho intervir ao abrigo do artigo 104.º. Portanto, quando se falou do Partido ADI, eu e a minha bancada nos sentimos tocados. Penso que é o mesmo filme de sempre, mas as pessoas quando usam esse púlpito, devem ter responsabilidades nas suas palavras.

Já fomos acusados, não só de traficantes, de vendedores e de consumidores de drogas. Eu penso que pessoas com responsabilidade no País, e é o caso de deputação, devem saber o que dizem. Portanto, gostaria de reiterar e pedir ao povo de São Tomé e Príncipe... por essa razão, há 2 dias alguém me perguntara, mas Abnildo quem é o teu ídolo, eu disse feliz ou infelizmente o meu ídolo já é morto. Tem um outro que é vivo e morto, a parte humana morreu, mas a parte divina vive, que é Jesus Cristo. Mas o meu ídolo morto, Luther King, em 63, teria dito no seu famoso discurso, há certa altura que «todos os homens nascem iguais». Mas contrario o meu ídolo, dizendo que não somos iguais, e o povo são-tomense, em momento, algum vai aqui sair deste debate com a percepção que somos iguais.

Gostaria que o Sr. Deputado Jorge Amado se retractasse e pedisse desculpas ao povo são-tomense.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Alda Ramos.

A Sra. **Alda Ramos** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. Ministras, Srs. Ministros, Caras Deputadas e Deputados, boa noite.

Gostaria de chamar a atenção dos Srs. Deputados. Passamos alguns dias nesta Casa Parlamentar a receber formações com relação a ética parlamentar e, pelo comportamento de alguns deputados aqui, até parece que a informação entrou por um lado e saiu por outro. É triste estarmos a ter esse tipo de comportamento!

Eu gostaria de pedir, não falei em nome de ninguém, não citei o nome de ninguém, mas estou a fazer referência para recordarem a formação que tivemos aqui durante 1 semana. Portanto, estar aqui com insultos aos seus colegas deputados, não estamos a passar bons exemplos para os mais novos.

É preciso reflectirem, é preciso que os mais velhos passem boas experiências.

Sr. Primeiro-Ministro, gostaria de apelar e aconselhá-lo a fazer as suas viagens. Estar assentado no seu gabinete a fazer todos esses contactos para melhoria da situação em São Tomé e Príncipe, não há telefone que chegue, não há internet que chegue. Continue a fazer as suas viagens, a trazer bons resultados para São Tomé e Príncipe, que o povo tem os olhos para ver. Doa a quem doer, aquilo que é verdade, devemos dizer!

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Bem, gostaria de passar informações sobre o tempo que ainda resta para o debate. Temos o ADI com 69 minutos e 23 segundos; o MLSTP/PSD com 6 minutos e 54 segundos; o PCD já esgotou o seu tempo, o Sr. Deputado do UDD tem 31 segundos e o Governo tem 34 minutos e 56 segundos.

Portanto, há mais algum deputado que tenha alguma pergunta, alguma intervenção?

Convido o Sr. Deputado do UDD, com 31 segundos, para fazer a sua intervenção. Mas são mesmo 31 segundos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Felisberto Afonso.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Sr. Primeiro-Ministro, não acredito! Quando um deputado diz ao senhor para ir buscar o dinheiro, ir buscá-lo aonde? O melhor desenvolvimento terá que ser com as nossas próprias mãos.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Se esses deputados estão a contar que o Sr. Primeiro-Ministro vai buscar dinheiro, a mentalidade está fraca.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Melhor desenvolvimento, em 2017, queremos aumentar a produção com as nossas próprias mãos. Isso é que é a segurança. Eu não acredito em pedir dinheiro. Temos que fazer pelo menos 70%, 30% da política externa. Porque toda pessoa está a procurar dinheiro em boa vida. Temos que trabalhar. Ele vai buscar dinheiro aonde? Ele tem armazém de dinheiro?

*Risos.*

Ele tem fábrica de dinheiro? Eu nunca vi o Sr. Miguel Trovoada, pai dele, com fábrica de dinheiro, nem ele. Temos que trabalhar com as nossas próprias mãos.

Obrigado.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Agora só está disponível o tempo do MLSTP/PSD. Não sei se há alguém que queira fazer alguma pergunta.

Caso não havendo, iremos evoluir no sentido de prepararmos para o encerramento do debate. Sendo assim, já foram dadas as respostas, isso é o sexto ciclo, não houve mais perguntas. Portanto, vamos continuar, Srs. Deputados. Dito isto, considero que estamos no fim do nosso debate e, cumprindo escrupulosamente o Regimento, convido cada grupo parlamentar para uma declaração, por tempo não superior a 5 minutos, começando pelo Grupo Parlamentar do PCD.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Deputados: Sr. Primeiro-Ministro, das discussões havidas neste debate, tardio na sua realização, em termos de tempo útil e oportuno, o Grupo Parlamentar do PCD pôde concluir que o Governo falhou em todas as suas previsões para o ano 2016. O Governo falhou na sua previsão do crescimento económico projectado para 5%, porque os dados apontam para um crescimento de 4% até ao final do ano.

O Governo falhou na sua previsão do método de inflação, projectado para 4% para o ano 2016. Até ao fim do ano, a inflação estará acima de 5.5%, superior ao ano transacto.

O Governo projectou, como garantia de reserva internacional líquida, o défice doméstico primário para 2016, na ordem de 2% PIB, no entanto, os dados apontam para 2,9% PIB.

A garantia de reserva internacional líquida para importação em 2016 foi projectada para 6.4 meses, mas os dados apontam para 4 meses, no entanto, hoje, o Sr. Primeiro-Ministro disse que aqui que isso estará à volta de 2.5 meses, abaixo dos 2 últimos anos. Nisto também o Governo falhou.

O Governo garantiu que tinha mobilizado 90% do valor orçamentado para o ano 2016, estamos no fim do ano e a execução aponta para 35%. Aqui também o Governo falhou.

O Governo falhou na contratação da dívida pública, quer interna quer externa, na medida em que não respeitou as normas previstas na Lei n.º 1/2013 – Lei-quadro da Dívida Pública, nomeadamente nos seus artigos 1.º, 11.º, 12.º, 33.º, 34.º, 51.º, 52.º e 57.º, coadjuvados com o regulamento da citada lei.

O Governo falhou no abastecimento de água potável às populações. Hoje muitos lugares continuam a ter tubos e não água, apesar de inaugurações com pompa e circunstância.

O Governo falhou na gestão da distribuição da energia eléctrica, tinha prometido melhorias substanciais até Junho deste ano. Não obstante, a aquisição de novos grupos de geradores, os cortes constantes continuam a ser pão nosso de cada dia e com sérias repercussões para as famílias, os serviços e as empresas.

O Governo falhou quando lançou pedras para a construção e execução de diversas obras e projectos durante a campanha das eleições presidenciais. Em muitos lugares, as pedras continuam lá como testemunha de mais uma das simulações do Governo.

O Governo falhou na sua promessa de reduzir a pobreza. A pobreza aumentou em todos os domínios de análise.

O Governo não conseguiu garantir a alimentação regular nas escolas, um direito consagrado na Lei 4/2012.

O Governo falhou no domínio da saúde. A carência de medicamentos e reagentes tem comprometido a prestação de cuidados médicos e medicamentosos.

O Governo falhou no domínio da justiça e segurança e nem dá mostras de ter capacidade de ter capacidade efectiva para garantir os direitos e liberdade dos cidadãos. A insegurança tomou conta da nossa sociedade, tendo atingido níveis nunca vistos na nossa República, com o surgimento de novas práticas de crimes organizados e bárbaros.

Ao invés de apetrechar instituições competentes como a Procuradoria-geral da República (PGR), a PIC e a Polícia Nacional, com instrumentos adequados, desde formação em meios próprios de prevenção e combate a esse flagelo, o que estamos a assistir é a selecção e perseguição de alguns dirigentes políticos, para serem presos ou aniquilados politicamente ou, se necessário for, independentemente da razão ou culpa formada, e existem provas evidentes deste facto.

O Governo falhou no domínio da gestão e transparência, aliás, o próprio Primeiro-Ministro, numa das suas comunicações à Nação, reconheceu que os seus colaboradores são incompetentes, para justificar uma remodelação governamental que estava em forja. Infelizmente, para surpresa de todos cidadãos atentos, despidos de complexo político-partidário, “a montanha pariu um rato”, na medida em que os membros do Governo afastados são os que tinham, aos olhos da opinião pública, uma maior autonomia...

**Sr. Presidente:** — Sr. Deputado, peço-lhe imensa desculpa, mas esgotou o seu tempo.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Não vou entrar em debate consigo, Sr. Presidente, porque o Regimento é claro. No entanto, também era claro quando o Sr. Primeiro-Ministro estava a falar. Está lá 30 minutos, no máximo, e demos mais de 1 hora.

O Sr. **Presidente:** — Sr. Deputado, há uma diferença entre apresentação do Sr. Primeiro-Ministro e do grupo parlamentar.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — A maioria não altera o que está inscrito no Regimento.

O Sr. **Presidente:** — No Regimento cada grupo parlamentar só tem direito a 5 minutos.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Muito bem, vou terminar, mas por fim tenho uma preocupação da população: queria perguntar, quando é que o Dubai sairá deste *standby*.  
Muito obrigado.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente:** — Convido agora o Líder do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, para a sua intervenção, ou alguém indigitado por si.

Sr. Deputado, também para o avisar que só tem 5 minutos de intervenção.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Deputados: Quando tomo a palavra nesta Casa Parlamentar, muitos me perguntam se não tenho medo das represálias. Eu respondo-lhes que sou uma vela acesa, pronto para queimar, para dar luz àqueles que não têm e acender as velas que estão apagadas.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Sr. Primeiro-Ministro, colocamos aqui uma série de questões que não obtivemos respostas concretas sobre elas. Essas questões têm a ver com o problema do porto de águas profundas, que o Governo de Rafael Branco introduziu, e o seu Governo, de 2010 a 2012, aniquilou. O Governo de Gabriel Costa, que surgiu do governo da coligação, introduziu e o seu Governo actual também aniquilou.

O Sr. Primeiro-Ministro disse-nos que a empresa que estava a construir o porto desistiu, portanto, da sua construção. A Terminal Link é evidente que ao ter que desistir da construção do porto de águas profundas comunicou o Governo são-tomense. Se fosse o Governo são-tomense a rescindir o contrato com a Terminal Link, certamente que seríamos chamados ao Tribunal Internacional.

Tendo sido também a Terminal Link a fazer isso, o que é que aconteceu da nossa parte. Qual é a reacção? Quem foi que saiu beneficiado deste negócio? Quem recebeu a contrapartida com a saída da Terminal Link.

Sr. Primeiro-Ministro, porque as questões que foram aqui colocadas não tiveram respostas, no que diz respeito às despesas exageradas, a delapidação de fundos do Estado, que foi praticado na sua governação, o meu Partido e a minha Bancada é de opinião que o Sr. Primeiro-Ministro deverá repor aos cofres do Estado os 50 mil milhões de dobras que utilizou em 2015, para a sua passagem.

O Sr. Primeiro-Ministro deverá repor aos cofres do Estado 40 mil milhões de dólares, uso indevido do fundo do Estado, utilizado para as suas passeatas. O Sr. Primeiro-Ministro deverá repor aos cofres do Estado os 31 mil milhões de dobras, correspondente ao desenho, que se fez para o Banco Central, para impressão de novas notas.

O Sr. Primeiro-Ministro deverá repor aos cofres do Estado 650 mil milhões de dobras, correspondentes ao barco de patrulha que deixou deliberadamente ser destruído, dando prejuízo desta quantia ao Governo de São Tomé e Príncipe.

O Sr. Primeiro-Ministro deverá pagar os 140 mil milhões de dobras que deve do título de tesouro que deveria ser entregue até 2 de Novembro deste ano.

O Sr. Primeiro-Ministro deverá pagar os 50 mil milhões de dobras que deve aos bancos comerciais.

O Sr. Primeiro-Ministro deverá pagar os 32 mil milhões de dobras que deve à SONANGOL.

Daí que, Sr. Primeiro-Ministro, são tantas dívidas que tem, mas a mais importante que nos interessa e que até agora o senhor não deu respostas ao povo de São Tomé e Príncipe é, *cadê* 30 milhões de dólares que o senhor recebeu em nome do povo de São Tomé e Príncipe para construir a cidade administrativa e construir a casa para os trabalhadores que lá deveriam ir trabalhar? *Cadê* 30 milhões de dólares, Sr. Primeiro-Ministro? Esse dinheiro tem que aparecer e o senhor tem desviado e não nos dá a resposta com relação a isso.

Sr. Primeiro-Ministro, para concluir, gostaria de dizer que este Governo seu chumbou em tudo. Chumbou nas suas perspectivas, chumbou no seu programa para o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe.

O senhor andou mentindo ao povo e tenho pena daqueles que aderiram ao senhor com espírito de que realmente o País iria conhecer o crescimento, que realmente estaríamos a caminhar para uma vida melhor e que realmente São Tomé e Príncipe ia conhecer dias diferentes.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, o seu tempo terminou. Agradeço.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Obrigado Sr. Presidente.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Por fim, convido o Líder do Grupo Parlamentar do ADI, para usar da palavra. Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados: Eis que chegamos ao fim deste exercício democrático, gostaria de aqui, em nome da minha Bancada, felicitar a todos por essa possibilidade, deitando por terra assim tudo que a oposição dizia, de que o Primeiro-Ministro e o Governo fugiam ao debate parlamentar. Essa é a prova de que o ADI não foge ao debate parlamentar e se apresentou aqui para todas as questões que os deputados quisessem saber e o povo também.

Mas tenho outras constatações a fazer: reconhecer que uma oposição fraca, frustra a sociedade, que não encontra alternativa; reconhecer também que ficou notório que um parlamento fraco enfraquece o exercício democrático.

Isso é responsabilidade nossa, enquanto políticos e responsáveis dos partidos políticos, para que no momento próprio saibamos que pessoas escolher para representar o povo na Casa Parlamentar. É um desafio que aproveito e lanço aqui a todos os partidos políticos, em 2018. E sobre isso também gostaria de dizer que, aquando da grande discussão que tivemos aqui sobre a questão da incompatibilidade, defendemos e dissemos que estaríamos a prestar um mau trabalho à Nação, da forma como a oposição

quis pôr a Lei da Incompatibilidade, expurgando do Parlamento pessoas que estavam e que estariam a fazer melhor papel do que isso que hoje encontramos aqui. Com tantos problemas e desafios que o País tem, reconhecido aqui hoje e não só pelo Governo, a oposição apenas focou nessas 5 horas de debate, resumidamente dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Com tantos problemas que o País tem e que o povo estava à espera e estamos a transmitir em directo esse debate, esse debate aqui hoje, ao nível nacional e internacional, foi uma, desculpem a expressão, vergonha, em determinados momentos e por alguns deputados. O Governo, ao contrário do que foi dito aqui também, deu, sim, passos visíveis, Sr. Primeiro-Ministro, e não só visíveis por nós Deputados do ADI, que representamos o povo, mas visível pelo povo. O povo de São Tomé e Príncipe está a acompanhar e sabe aquilo que o Governo vem fazendo. E como foi dito, 2 anos, e temos outros 2 anos. As contas far-se-ão no final da Legislatura, em 2018, e lá o povo fará a sua justiça e nós do ADI estaremos prontos para recebermos a justiça do povo.

Por isso, Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, espero que consiga fazer mais reformas, algumas delas já começaram, reformas necessárias, porque não temos muito tempo. Em 2 anos, o País espera de muito trabalho acima de tudo e esperemos que nesses 2 anos que faltam também a oposição possa mudar de comportamento e mudar de estratégia, porque a oposição falhou redondamente na sua estratégia e hoje o povo reconhece isso. O povo não encontrou uma oposição alternativa a este Governo.

*Aplausos do ADI.*

O povo não encontrou e é com essas palavras que termino.  
Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Para encerrar o nosso debate de hoje, convido Sua Excelência o Primeiro-Ministro, para espelhar a sua nota final sobre este assunto.

Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**:— Sr. Presidente, Sras. Deputadas e Srs. Deputados: Chegamos ao fim desse debate acerca do Estado da Nação e, sem dúvidas, estávamos à espera de um outro tipo de debate. É o Parlamento que temos e devemos respeitá-lo, mas muito sinceramente espero que no futuro se possa evitar alguns comportamentos e atitudes, alguns actos desnecessários que pretendem ferir, magoar e insultar as pessoas. Mas, como toda gente sabe, nesse aspecto, tenho uma pele muito dura e que não deixa passar esse tipo de ataques ridículos.

O que eu quero dizer é que temos que avançar. A situação do País está difícil, ninguém pode sempre a todos os momentos acertar nas suas previsões. Se estamos a falar de previsões, Portugal falhou, França falhou, Estado Unidos falhou, Angola falhou, Nigéria falhou, toda gente falhou em 2016. Então, não há certezas absolutas. O que é importante é, face às dificuldades, como é que reagimos e como devemos estrategicamente posicionarmos para ultrapassar essas dificuldades. E é isso que o Governo está a fazer. E o Governo está a fazer com alguma confiança, com preocupação, com sentido do Estado, com o sentido de esforço que vai ser necessário, mas também quero dizer, com alguma confiança. Daí que, falando para os são-tomenses e todos aqueles que residem em São Tomé e Príncipe, eu quero transmitir esse sentimento de confiança. As coisas estão difíceis, toda gente sabe.

Necessitamos de fazer alguns sacrifícios, toda gente sabe. Necessitamos de fazer reformas urgentes, toda gente sabe. Necessitamos, ainda, na frente externa, de desenvolver acções, estratégias para que de facto se possa continuar a contribuir com o financiamento externos, toda gente sabe, e é o que vamos continuar a fazer, de uma maneira tranquila, sem fugir às nossas responsabilidades, sem deixar de reconhecer onde falhamos, mas também tendo sempre orgulho daquilo de bom que estamos a fazer ao serviço do povo são-tomense.

*Aplausos do ADI.*

Eu, às vezes, sonho. Realmente as pessoas podem ficar confusas, quando os seus representantes vêm cá à Tribuna fazer uma série de acusações terríveis, assustadoras. Tenho um sonho, que um dia pudesse haver aqui uma comissão internacional da Interpol e de procuradores internacionais, para esclarecer isso tudo. E ponho isso ao desafio da oposição, para saber de facto quem é quem, quem fez o quê neste país.

*Aplausos do ADI.*

Gostaria de ver esse sonho se realizar, para que pelo menos tudo fique esclarecido neste país e que as pessoas deixem de acusações, com tanta certeza, que até ficamos com dúvidas, mas será mesmo

verdade? E passamos anos e anos nessas brincadeiras, quando o País tem problemas sérios para resolver, quando a nossa população está à espera de resposta e está à espera de um dia melhor.

Por conseguinte, o povo são-tomense saberá reconhecer os seus e estamos plenamente convencidos que hoje, pelo menos no que diz respeito ao Governo, e aqueles Deputados de todas as bancadas que quiserem de facto esclarecer algumas questões, colocar perguntas, propor alternativas, tecer críticas objectivas, esse trabalho foi feito.

Os outros que escolheram outros caminhos estão livres e haverá um dia de facto, em que todos seremos avaliados pelo povo, em 2018, se Deus quiser. Até lá, podem contar com o Governo, podem contar com o nosso trabalho, podem contar com a nossa determinação. Fomos eleitos pela maioria dos são-tomenses, não vamos ser desviados do nosso objectivo, pelo grupo da oposição, que não quer fazer uma oposição responsável. Aqueles da oposição que fizeram o seu trabalho responsável, agradecemos, teremos em atenção todas as críticas, porque são representantes do povo e também têm uma palavra a dizer para melhoria das condições do povo.

*Aplausos do ADI.*

Eu só tenho que agradecer e tenho a certeza de que voltaremos em breve aqui, durante a discussão do Orçamento Geral do Estado, e espero de facto que daremos todos uma melhor imagem, quer à comunidade nacional, quer à comunidade internacional.

Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, eis que chegamos ao fim do nosso debate sobre o Estado da Nação. Agradeço a presença e participação das Sras. e dos Srs. Deputados, bem como do Sr. Primeiro-Ministro e do seu elenco governamental.

Neste sentido, declaro encerrada a sessão.

Bom, para informação das Sras. e dos Srs. Deputados, retomaremos os nossos serviços amanhã, teremos uma sessão plenária a partir das 9 horas.

*Eram 20 horas e 20 minutos.*

*Faltaram à sessão os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Adilson Cabral Managem**

**Ângela dos Santos R. J. da Costa Pinheiro**

**Mário Fernando** de Jesus Rainho

**Milton Viegas** Fernandes Lima

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Aurélio Pires Quaresma Martins**

**Gaudêncio Luís da Costa**